

Tribuna da Luta Operária

ANO VI - Nº 207 - DE 11 A 17 DE MARÇO DE 1985

Cr\$ 700



Foto César Diniz

Este senhor, pintor há 28 anos, ia passando pelo Largo 13 mas parou para ajudar a pintar a foice e o martelo no painel pela legalidade.

Saldo de 21 anos de regime militar: 86 MILHÕES PASSAM FOME

As estatísticas registram 86 milhões de subnutridos no Brasil, embora sejamos o quarto maior exportador de alimentos do mundo. A crise atirou novas levas de trabalhadores nas ruas e obriga-os a procurar no lixo algum resto de comida. O depoimento destes brasileiros, que se enchem de emoção e revolta ao lembrar o choro dos filhos famintos, está na pág. 10.



Balanço da heróica greve nas minas de carvão britânicas

Depois de um ano parados, eles voltaram às minas sem conseguir dobrar o governo conservador, mas de cabeça erguida e com a bandeira do sindicato. Pág. 2



Unidos no Sindicato, os mineiros ficaram quase 1 ano em greve

Povo dá força à legalidade do PC do Brasil

No Largo 13 de Maio, S. Paulo, trabalhadores elogiam e ajudam a pintar um grande painel pela legalização. O andamento da campanha no país está na página 4.

EDITORIAL A festa do dia 15

No próximo dia 15 encerra-se uma importante fase da batalha pela democracia no Brasil. Os generais saem do governo e em seu lugar assume um representante da sociedade civil. O governo Tancredo Neves, embora tenha características moderadas e sofra pressões dos conservadores para restringir o alcance das mudanças, é fruto principalmente de um vigoroso movimento de massas contra o arbítrio, pela liberdade, por transformações de vulto no terreno político, econômico e social.

Neste sentido a posse do novo governo merece ser comemorada pelos trabalhadores e democratas. Em Brasília estarão caravanas de todos os Estados. E em todo o país é justo que se realizem festividades. Trata-se não apenas de saudar o novo presidente, mas de marcar com a presença do povo na rua, a nova perspectiva política que se criou. A Nova República, ao desimpedir o caminho para a atividade política das diversas correntes de opinião, possibilitará uma alteração significativa no Executivo, no Judiciário, no Legislativo e em todas as instituições. "Se não mudarem serão mudadas", como assinalou Ulysses Guimarães na Câmara Federal.

A conquista de um governo de transição não encerra a luta dos trabalhadores. A grave crise em que o país se debate coloca na ordem do dia transformações estruturais que levem a um novo regime político e social onde o povo tome em suas mãos os destinos da pátria.

A mobilização e organização popular, rumo a este novo regime de liberdade, independência e progresso, é que dará inclusive o conteúdo central da transição que ora se processa. Se depender das classes dominantes, a renovação ficará na superfície e em aspectos secundários. O projeto da burguesia não se atreve a romper com o latifúndio e com o imperialismo, obstáculos essenciais ao desenvolvimento do Brasil.

Desde o dia da posse, o governo Tancredo Neves encontrará um clima de efervescência no país. Os problemas são muitos e as necessidades sociais urgentes. Tanto para acompanhar a demolição do imenso entulho do autoritarismo como para colocar em pauta as suas reivindicações mais sentidas, os trabalhadores e as demais forças populares e democráticas permanecerão mobilizadas. As massas, que saíram às ruas aos milhões no ano passado, não vacilarão em dar apoio ao novo presidente no sentido de realizar praticamente as mudanças debatidas durante a campanha. E ao mesmo tempo terão independência para criticar a morosidade, as vacilações e atitudes do governo que não correspondam à necessidades.

Desde já o centro das atenções estará na Assembléia Nacional Constituinte. Impõe-se imediatamente um processo de reformas constitucionais que criem os pré-requisitos para uma Assembléia realmente livre e realmente soberana. Merece inteiro apoio, por exemplo, a emenda já assinada por mais de dois terços dos parlamentares da Câmara Federal e do Senado, abrindo caminho para a livre organização partidária. A legalização dos partidos até agora clandestinos é condição essencial para que a nova Constituição interprete os anseios da sociedade atual.

A presença do povo nas praças em 15 de março faz parte desta luta. É a continuidade das manifestações das diretas-já e da campanha em apoio à candidatura Tancredo Neves. Faz parte igualmente do imenso debate nacional que se trava em todos os cantos do país, sobre os problemas maiores que emperram a retomada do crescimento econômico, que atiram milhões de trabalhadores nas ruas, que comprime os salários e fazem subir o custo de vida. O povo brasileiro elevou o seu nível de consciência e começa a participar efetivamente na elaboração das soluções para a crise.

URSS Um programa para disfarçar o capitalismo

Na economia soviética atual, a iniciativa privada floresce, multinacionais também. Pág. 5

As metas dos metalúrgicos de SP

Entre eles estão os valorosos operários de São Bernardo; mas a luta não está unificada. Página 7.



Foto: César Diniz

Na noite de quarta-feira, a assembléia que decidiu deflagrar a paralisação

Carteiros param o Correio em S. Paulo

CDM
Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

A greve foi decretada para conseguir aumento de 150% no salário, mas também para acabar a ditadura dentro da empresa. Página 7.

A Ferrovia da entrega total, última obra do regime de 64

Figueiredo inaugura estrada para estrangeiros levarem o ferro das fabulosas jazidas de Carajás. Leia na página 4.

O Ministério de Tancredo e a expectativa das multidões

Pressões dos conservadores exigem quem o povo exige nos comícios. Pág. 3

Termina greve heróica dos mineiros ingleses

A uma semana de completar um ano de greve, os mineiros britânicos voltaram ao trabalho, no último dia 5, pondo fim ao mais longo conflito trabalhista da história da Inglaterra. O "jogo duro" da dama de ferro Margaret Thatcher conseguiu quebrar a resistência heróica dos operários, que, no entanto, saem de cabeça erguida, "estourando de orgulho", como disse seu líder Arthur Scargill.

A importância desta greve não se deve apenas à sua duração excepcional. Desde o começo havia questões muito maiores colocadas, além da defesa de 20 mil empregos nas minas. Tratava-se, para Thatcher, de derrotar e desmoralizar o conjunto do movimento sindical; para os mineiros, de encabeçar a resistência efetiva à política antioperária do governo conservador e inverter a tendência à conciliação, até então predominante.

Desde que iniciou seu primeiro mandato como primeira-ministra, em 1979, Margaret Thatcher colocou duas linhas mestras em sua política econômica monetarista: privatizar o setor estatal e conter os gastos públicos. Se conseguiu reduzir a inflação de 20% para 5%, o custo para os trabalhadores foi muito alto: o desempre-

go, que em 1980 atingia 2,7 milhões, hoje chega a 3,2 milhões de pessoas, que representam 13,9% da força de trabalho.

ATAQUE A MINAS E SINDICATOS

Parte especial desta política foi reservada às minas de carvão. Antes a principal fonte energética do país, o carvão foi cedendo lugar à energia nuclear e ao petróleo. E, dentro do espírito monetarista de "sanear os lucros", as minas consideradas "improdutivas" deveriam ser fechadas. O plano da Junta Nacional do Carvão previa, só para começo, a extinção de 20 delas, e conseqüentemente de 20 mil empregos. Além de levar à ruína econômica as regiões mineiras do Kent, Gales e sul da Escócia, onde a greve prosseguiu mesmo depois do dia 5.

Toda esta política de massacre da classe operária não poderia ser aplicada sem golpear, ao mesmo tempo, o poderoso movimento sindical britânico. Por isso, foi acompanhada de uma verdadeira campanha anti-sindical: leis que restringem o direito de greve e permitem a intervenção do Estado nos sindicatos, inclusive em seus fundos de greve; proibição de piquetes; e veto à organização sindical em alguns setores-chave, como a central de computação, etc.

A RESISTÊNCIA MINEIRA

O plano anunciado pela Junta do Carvão foi o estopim que deflagrou a greve, em 12 de março do ano passado. A partir de então, a adesão foi crescendo a cada dia e chegou a atingir 80% dos 186 mil mineiros. O que se viu ao longo deste quase um ano foi uma comovedora lição de união e combatividade.

Em cada localidade onde havia uma mina, os trabalhadores, seus familiares e até pequenos comerciantes transformaram-se em combatentes do movimento. Sob a liderança do Sindicato Nacional dos Mineiros (a NUM), organizaram-se piquetes maciços de milhares de pessoas, que enfrentaram com coragem a violência sem limites da polícia, Exército e tropas paramilitares.

Mulheres resolutas, que se orgulhavam de ostentar cartazes com os dizeres: "Casamo-nos com homens, não ratos", juntavam o produto dos fundos de solidariedade, chegados de todo o país e do exterior, e organizavam refeições comunitárias — para a maior parte das famílias, o único meio de sobrevivência há tantos meses sem salários. Estas mesmas mulheres formavam ao lado de seus companheiros as muralhas que impediram por onze meses o funcionamento das minas.

LUTA DESIGUAL

Se do lado dos trabalhadores falou-se com voz grossa, a burguesia britânica, orgulhosa e acostumada a sempre



Durante quase um ano de greve os mineiros agitaram o governo de Thatcher

vencer, não deixou por menos. Sua heroína, a "dama de ferro" — assassina de jovens argentinos nas Malvinas e de patriotas irlandeses — dia a dia encarou a greve como mais uma guerra.

Thatcher nunca falou sequer em negociar o fechamento das minas; deu a Arthur Scargill o tratamento de marginal; confiscou o fundo de greve da NUM e aplicou pesadas multas ao Sindicato. Sua tática foi primeiro esgotar os mineiros pela fome, dividi-los, jogá-los contra suas famílias. Depois de certo tempo, passou a tentar comprá-los, oferecendo prêmios aos fura-greves.

A violência e a repressão foram também armas utilizadas com todo o ódio de classe pelo governo conservador. Segundo dados da polícia, quase 10 mil trabalhadores foram presos; destes, cerca de 8 mil sofreram processos, sendo mais de 4 mil considerados culpados. No final, 718 foram demitidos pela Junta do Carvão, que não admite negociar sua readmissão.

Resta ainda o saldo de quatro mineiros mortos, além de um policial e um motorista que levavam fura-greves.

CONCILIADORES DESGASTADOS

Se o movimento sindical sofreu uma séria derrota, a liderança da NUM pôde sair da greve com a cabeça erguida. Não foi possível dobrar Thatcher, principalmente porque a greve dos mineiros manteve-se praticamente isolada. Fora os ferroviários, portuários e metalúrgicos, que realizaram paralisações e outras ações de solidariedade, nenhum outro sindicato moveu uma palha pela vitória que seria de todo o movimento operário. O Congresso dos Sindicatos, dirigido pela aristocracia sindical ligada ao Partido Trabalhista, colocou-se sempre na posição de acabar com a greve. Não por acaso, ao mesmo tempo em que o prestígio eleitoral dos conservadores e de Margaret Thatcher despensa de 42% para 35%, os trabalhadores atiram tomates nos traidores dos mineiros, como aconteceu ao líder trabalhista Neil Kinnock. (Silvio Queiroz)



A repressão britânica matou quatro mineiros e prendeu quase 10 mil grevistas

Uruguaios reconquistam democracia após 12 anos

A posse do presidente eleito em novembro de 1984, Júlio Maria Sanguinetti, dia 1º de março, marcou o fim da ditadura militar implantada em 27 de junho de 1973 no Uruguai. No mesmo dia em que foi empossado, o presidente enviou mensagem ao Parlamento restabelecendo a liberdade partidária, sindical e de organização estudantil no país.



Sanguinetti: apelo à volta dos 400 mil exilados

Na posse, o presidente conclamou: "Tenho um apelo a fazer aos 400 mil exilados que foram obrigados a abandonar nosso país, por vários motivos. Voltem, voltem para juntos reconstruirmos o Uruguai". No dia seguinte, determinou o fim da censura à imprensa, e o governo anunciou que vai reduzir os efetivos das Forças Armadas (para cada 47 uruguaios, há um militar).

DESCALABROS DA DITADURA

Os uruguaios amargaram seus piores dias durante a ditadura militar. O

desemprego pulou de 10% para 25% da população (alguns empresários falam em 30%). O poder aquisitivo dos salários caiu 54%. A inflação chegou aos 66,1% em 1984 e se prenuncia em 130% para 1985. O produto interno bruto decresceu em 1982 e 1983 e estagnou em 1984. Por outro lado, os 5% mais ricos que tinham 17% da renda nacional em 1968, abiscoitavam

31% em 1979. A economia passou a ser ditada pelo FMI.

Para garantir esses descalabros, a ditadura investiu com violência contra a população. As sedes dos sindicatos transformaram-se em delegacias de polícia. Milhares de uruguaios foram para os presídios políticos; 137 "desapareceram" após terem sido seqüestrados por agentes do regime. Os partidos políticos foram proibidos de atuar. Os meios de comunicação e as artes foram amordaçados pela censura. O povo lutou por liberdade. Manifestações de rua multiplicaram-se.

Greves e protestos sucederam-se. Os militares tiveram de bater em retirada. Sairam organizadamente, deixando o novo governo amarrado por vários acordos.

Os ditadores impuseram restrições ao processo eleitoral de novembro de 1984. Wilson Ferreira Aldunate, o principal líder do Partido Nacional (blanco) e o candidato mais votado a presidente em 1971 (a última eleição do país), estava encarcerado no dia do pleito. O general Liber Seregni — candidato da Frente Ampla à Presidência em 1971 — continuava com seus direitos políticos cassados, impedido de concorrer. No momento da eleição existiam mais de 500 presos políticos,

3.500 cassados e liberdade partidária restrita. A própria campanha eleitoral ocorreu sob forte censura.

Mesmo assim, foram eleitos 30 senadores, 99 deputados, 19 prefeitos e 39 vereadores. O Parlamento voltou a funcionar em 15 de fevereiro. Porém subordinado a um acordo com os militares que prevê a decretação de um "estado de insurreição" que assegura à Justiça Militar o direito de julgar presos políticos. O general Gregório Álvarez, chefe do governo militar, preferiu renunciar antes de entregar o poder a Sanguinetti, temendo "que a ralé me cuspa na cara"...

ANISTIA IRRESTRITA

Sanguinetti, na posse, afirmou: "O país passa por uma grave crise econômica e o que temos que fazer agora é partir para a luta, para o trabalho" (em novembro, ao saber que vencera a eleição, disse que "o Uruguai não estará em condições de atender às exigências do FMI em 1985").

Para compor seu governo, chamou elementos do Partido Nacional (blanco) e da União Cívica para o Ministério, e colocou integrantes da Frente Ampla na direção de algumas estatais.

Manteve no comando do Exército, contudo, o general Hugo Medina que, dias antes da posse, ameaçou com um novo golpe, caso voltem "a ocorrer as mesmas condições de 1973".

O povo uruguaio vê-se na contingência de garantir os espaços democráticos conquistados e avançar rumo a liberdades mais amplas. E venceu a primeira batalha, aprovando no Parlamento a anistia irrestrita. O projeto de anistia parcial de Sanguinetti manteria mais de 60 uruguaios nos cárceres políticos, mas foi derrotado. No dia 4, funcionários da empresa aérea estatal Pluna fizeram greve de 24 horas exigindo a saída dos militares da direção da empresa. Trata-se de varrer o militarismo e as ameaças golpistas do país.

TENSÃO NA ARGENTINA

Na Argentina, os generais também continuam tramando contra a democracia. Os oficiais não aceitaram a nomeação do general Ricardo Pianta para a chefia do Estado Maior das Forças Armadas. Pianta ia substituir o general Júlio Torres, que vinha tramando abertamente contra o governo. A situação é tensa no país de Raul Alfonsín.

Albânia comprova a eficiência do socialismo científico



A Hidrelétrica de Koman terá duas de suas turbinas funcionando ainda este ano

Ao completar 40 anos de período revolucionário, a Albânia ostenta brilhantes estatísticas de desenvolvimento. Uma comparação entre este pequeno país socialista e os gigantes do mundo capitalista é uma demonstração clara da eficiência do socialismo. Fizemos alguns estudos sobre o período de 1960 a 1984. Veja os resultados:

A produção industrial global da Albânia teve crescimento de 6,8 vezes nos últimos 24 anos. No mesmo período o Japão, campeão do mundo capitalista em velocidade de crescimento, atingiu 6,6 vezes. Os Estados Unidos tiveram um crescimento de três vezes. O Brasil, que teve expressivos índices de crescimento industrial, ficou na marca das 4,3 vezes.

Mas o desempenho albanês é orientado para a indústria pesada, que em vários setores atingiu marcas inimagináveis para os economistas burgueses. Por exemplo, a indústria química — uma das mais poderosas bases da infraestrutura de um país moderno — teve na Albânia multiplicado por 59 vezes sua produção global. A indús-



Albânia HOJE

tria de cobre cresceu 50 vezes. A indústria mecânica, 30 vezes. São dados sem paralelo no mundo capitalista e no revisionista.

É difícil subestimar a importância da energia elétrica para a economia moderna. A Albânia investiu pesado na construção de usinas, conseguindo aumentar 20 vezes sua produção de eletricidade entre 1960 e 1984.

A agricultura também teve desenvolvimento espetacular nesse período, crescendo 3,1 vezes, enquanto que em nosso país, atrelado ao capital es-

trangeiro e ao latifúndio, mal chegou a crescer 2,7 vezes. Mesmo tendo grandes extensões de terra entre as mais férteis do mundo, não precisando quebrar pedra para plantar.

Mas os números são médias que escondem pontos importantes. Nos outros países a produção não aumenta harmonicamente, é um sobe e desce com desperdício de forças produtivas. O desemprego atinge proporções de guerra social, a inflação líquida o poder aquisitivo do assalariado e, no caso dos subdesenvolvidos, que também conseguiram taxas razoáveis de crescimento, os frutos são canalizados pela dívida externa para as grandes potências.

Na Albânia, além das altíssimas taxas de desenvolvimento que citamos para os últimos 24 anos, não há desemprego e inflação. O crescimento é estável e planejado. E, em uma migalha do desenvolvimento nacional, desviada para pagar juros de dívidas externas. Afinal, a Albânia não faz dívidas por um preceito constitucional.

Um PDS cada dia mais malufista e mais desgastado

O deputado baiano Prisco Viana, malufista convicto, tornou-se terça-feira, dia 5, líder da bancada do PDS na Câmara Federal, com os votos de apenas 46 dos 156 deputados pedessistas. A eleição confirmou que, desde a derrota do regime militar, a legenda que o sustentou fica cada dia menor e mais dilacerada por inconciliáveis desavenças intestinas.

A polarização maior é entre correligionários e desafetos de Paulo Maluf. Os antimalufistas, liderados pelo ex-líder Nelson Marchezan e pelo ex-governador baiano Antônio Carlos Magalhães, não compareceram à eleição, somando 63 ausências. Já o deputado Ricardo Fiúza (PE), que também postulava a liderança, desistiu alegando que não iria ser candidato "para transformar o PDS em partido malufista".

Acredita-se que pelo menos uma gorda fatia da ala anti-Maluf, com espaço inexistente dentro do partido - ainda - situacionista, pode abandoná-lo ao longo da reorganização partidária em curso, mudando-se para o PFL.

O MALUFISMO NA CRU

Francamente majoritários dentro do que sobrou do PDS, os malufistas comportam-se de fato como donos da legenda remanescente. O deputado Ney Ferreira, conterrâneo de Prisco Viana, encarregou-se de deixar isso bem claro na reunião da bancada. Proclamou que "o consenso aqui é Paulo Maluf". E mais: "Querer fazer um partido sem a liderança de Paulo Maluf — disse — é remar contra a maré. Aos que não estão com o partido, que vão logo, pelo amor de Deus. Cavalos de Tróia, vão embora!".

Porém, mesmo excetuando-se os "Cavalos de Tróia", não reina a concórdia no PDS. Além de Prisco, concorreram à liderança da Câmara os deputados Amaral Netto (RJ), que teve 27 votos, e Santos Filho (PR), 20 votos. O próprio Paulo Maluf, cautelosamente, absteve-se de votar.

O PDS marcha, assim, para transformar-se num bunker malufista e encabeçar, pela direita, uma oposição cerrada ao governo eleito pelas oposições.

Apesar das declarações de contrário, inclusive de Maluf, dizendo que daria um "prazo de carência" de 120 dias a Tancredo Neves, os fatos apontam na direção oposta. Além da traiçoeira manobra de envolvimento da candidatura Alencar Furtado para a presidência da Câmara, dia 28 último, o PDS dedica-se a todo tipo de composições ao nível dos Estados, desde que sirvam para bombardear a base política do novo governo.

ALIANÇAS SEM PRINCÍPIOS

Em Santa Catarina, por exemplo, apesar de o PMDB e o PFL somados terem maioria na Assembleia Legislativa, o PDS conseguiu colocar seu candidato na presidência da mesa escolhendo para isto um tráfuga do PMDB e aliciando o voto de mais dois peemedebistas. Contudo as manobras mais escabrosas aconteceram no Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, onde PDS e PDT protagonizaram uma aliança rigorosamente desprovida de princípios.

No Rio Grande do Sul, o PMDB e o PDT têm ampla maioria na Assembleia e haviam estabelecido um acordo pelo qual haveria revezamento entre os dois partidos na presidência da casa. Agora, porém, que seria a vez de um deputado peemedebista, o PDT rompeu o acordo — por orientação direta do governador Leonel Brizola — passando a compor-se com o PDS. Logo em seguida, Brizola e os pedessistas faziam acordo semelhante no Rio.

Do ponto de vista da agremiação de Maluf, o que se espera é esse tipo de jogada. Todavia os episódios seguramente devem estar dando o que pensar a muitos eleitores gaúchos e fluminenses que votaram no PDT confiantes de que ele faria de fato oposição ao regime militar e a seu partido.



Foto Carlos Namba

Tancredo Neves recém-eleito: pressões conservadoras empurram com força no sentido contrário a transformações.

O Ministério de Tancredo e o sentimento popular de mudança

Criou-se um evidente descontentamento com a composição e o método de escolha do futuro Ministério. O sentimento geral dos brasileiros é no rumo das mudanças, enquanto os nomes escolhidos são em geral de políticos conservadores. Este processo tende a criar dificuldades para o governo. E já trouxe problemas na escolha do presidente da Câmara Federal.

É compreensível que, devido à imposição do Colégio Eleitoral como instrumento para escolher o presidente, Tancredo Neves fosse obrigado a fazer entendimentos mesmo com os setores mais conservadores, até recentemente ligados ao regime militar. Entretanto as grandes massas que saíram às ruas e foram, indiscutivelmente, a peça-chave para a derrota dos generais, têm todo o direito de reclamar a indicação de homens reconhecidamente comprometidos com a causa da democracia e do progresso. E houve um injustificado favorecimento dos setores pouco renovadores, em prejuízo das correntes mais vinculadas ao povo.

Já quando da indicação de José Sarney, pela Frente Liberal, para o posto de vice-presidente, os democratas mais combativos manifestaram sua desaprovção. Era o início de uma série de concessões que se encaminham em sentido contrário ao crescimento do nível de luta e de organização das grandes massas trabalhadoras em todo o país. Agora, nomes como os de Paulo Brossard e Fernando Henrique Cardoso (para citar apenas alguns tidos como ministeriais), mais próximos das concepções liberais, são preteridos; enquanto ganham força figuras como Antônio Carlos Magalhães, Francisco Dornelles etc, que ninguém consegue dissociar do passado tão próximo de arbítrio e entreguismo.

Também causa repulsa ao povo a corrida desavergonhada aos cargos. Assiste-se a uma disputa mesquinha de interesses pessoais e de grupo, quando o Brasil reclama programas e planos concretos para enfrentar a fome, o desemprego, o entreguismo, a corrupção, e para retomar o desenvolvimento em novas bases, de acordo com os anseios da maioria. Os trabalhadores precisam e vão lutar por mudanças. Depositam grandes esperanças no novo governo, escolhido em campanha tão vibrante. Mas não podem esconder seu desapontamento, quando percebem que os encarregados de executar as transformações exigidas demonstram tanta sede de poder pessoal.

conhecido passado de luta pela liberdade, deixou-se envolver por este emaranhado e aceitou ir até o fim nas disputas pela presidência da Câmara, contra Ulysses Guimarães, acirrando os ânimos e abrindo brechas nas fileiras democráticas, até então coesas na luta contra o regime militar. De certa forma, o presidente do PMDB sofreu desgaste. Porém o ilustre parlamentar do Paraná ficou em dificuldades para justificar o incômodo apoio dos malufistas.

Também no Senado, depois de muitas idas e vindas, de uma hora para outra a liderança do PMDB, que já parecia assegurada para Fernando Henrique Cardoso, caiu para José Fragelli, integrante da Arena, que foi para o PP e depois se incorporou ao PMDB. Novamente prevaleceu a tendência ao conservadorismo.

O próximo governo vai estar submetido à pressão insistente que vem das massas

Embora este seja o quadro geral, não de considerar-se também duas questões importantes. Em primeiro lugar, o movimento de milhões que ocupou as praças públicas pelas diretas-já e em apoio à candidatura Tancredo não se encerrou em 15 de janeiro. O novo governo estará sob a pressão insistente das massas populares. Os brasileiros não desistirão da batalha para liquidar a dependência ao capital estrangeiro e construir um Brasil progressista. Por outro lado, já ficou claro que não haverá um superministro, como foi, por exemplo,

Delfim Netto. Tancredo centralizará de fato os rumos da política e da economia. E o novo presidente demonstrou ao longo de sua vida uma grande sensibilidade aos reclamos da sociedade civil. A atividade firme e flexível dos setores populares e dos democratas mais consequentes terá, por isto mesmo, audiência nas decisões do governo a ser empossado em 15 de março.

Se o governo prende-se ao conservadorismo, em contrapartida a corrente de direita, mais diretamente o PDS e as Forças Armadas, encontra-se em franca desmoralização. Sai da cena política com o repúdio geral da população. E para se ter uma idéia, na escolha do novo líder do PDS na Câmara Federal, faltaram 63 parlamentares. Dos 93 que compareceram, 46 votaram em Prisco Viana, demonstrando a evidente dificuldade dos malufistas para unir o que restou do partido. Entre os ausentes, cerca de 42 já manifestaram a disposição de criar um bloco dissidente.

Enquanto isto, o PDT e o PT, sem propostas concretas, tratam unicamente de jogar nas dificuldades do governo Tancredo Neves, para tentar ocupar mais espaço. No caso do PDT, o oportunismo já se revelou pelos acertos com o PDS, tanto no Rio de Janeiro como no Rio Grande do Sul, a fim de conquistar postos na mesa da Assembleia Legislativa. É uma política de fôlego curto, que não ganha simpatia popular.

Neste quadro tão complexo, e ainda em rápido movimento, o alcance da transição democrática dependerá fundamentalmente da unidade e da mobilização do movimento popular.

Descontentamentos afloram na eleição para a presidência da Câmara Federal

A indicação do Ministério nestas condições já criou um atrito na escolha do presidente da Câmara Federal. Entre os parlamentares do PMDB, aliados do debate que deveria ser mais democrático para a formação do governo, cresceu a insatisfação. E os malufistas muito habilmente trataram de explorar a situação visando dividir as forças progressistas. Infelizmente o deputado Alencar Furtado, com um re-

Metalúrgicos discutem Constituinte

O auditório do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo ficou lotado na sexta-feira, dia 1º, durante o debate sobre "os trabalhadores e a Constituinte", promovido pela entidade. A iniciativa contribuiu para lançar a discussão dessa campanha entre sindicalistas e trabalhadores, como lembrou o presidente do Sindicato, Joaquim dos Santos Andrade.

Agora, conforme os organizadores, o debate será levado para as fábricas e os bairros operários. "É com atividades deste tipo que

vamos impulsionar a campanha pela Constituinte, dando a ela um caráter democrático, com ampla participação popular", frisou o metalúrgico Elísio Vieira da Rocha.

FIM AO ARBÍTRIO

Em todos os pronunciamentos foi enfatizada a necessidade de pôr fim às leis arbitrárias ainda existentes, herdadas do regime militar e, em particular, a atual Constituição "decididamente fascista e ditatorial", conforme o presidente do PDT paulista, Rogê Ferreira.

O representante da Comissão pela Legalidade do Partido Comunista do Brasil, João Batista Lemos, considerou o debate como "uma grande iniciativa para popularizar a campanha". Ele fez também uma "saudação ao novo governo democrático que toma posse no dia 15 de março. Entramos, agora, em um novo período da nossa história, onde se criam maiores condições para a classe operária e todos os trabalhadores influírem na vida política".

Batista, muito aplaudido, destacou que é imperioso "varrer todos os entulhos deixados pelo regime militar, como a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Greve, a Lei de Imprensa e outros, para abrir caminho a uma Constituinte verdadeiramente livre, democrática e soberana. É preciso conquistar, de imediato, o direito de greve, a liberdade e autonomia sindical e a liberdade de organização partidária. Com um grande debate nacional vamos alcançar uma Constituinte avançada, de acordo com as necessidades do País e ampliar os espaços para lutar pelo sistema que mais interesse à classe operária, o socialismo científico".

PLENA LIBERDADE

O público, em sua maior parte constituído por operários meta-

lúrgicos, aplaudiu com entusiasmo os oradores que defenderam com maior firmeza a necessidade de conquistar as mais amplas liberdades para o debate e a eleição da Constituinte.

O representante do PMDB, Aluísio Nunes Ferreira, afirmou que ainda "há muito o que fazer antes da Constituinte. Esse regime não acabou de ser derrubado. É indispensável completar a tarefa democrática, com a revogação de todos os instrumentos legais criados pelo regime. A ampla liberdade de organização partidária e o livre acesso aos meios de comunicação para todos os candidatos são requisitos indispensáveis para que essa Constituinte possa refletir, o mais de perto, possível, os interesses populares. A ditadura serviu aos interesses dos monopólios imperialistas e nacionais. A liberdade haverá de servir aos interesses do povo", acentuou.

Antônio Rogério Magri, presidente do Sindicato dos Eletricitários, por seu turno, assegurou: "É preciso acabar com os currículos eleitorais e realizar um amplo debate, de forma que sejam votados para a Constituinte os homens que, decididamente, representam os interesses do povo".



Foto Paula Simões

O presidente da Câmara: "Ou mudam, ou serão mudados"

Ulysses defende voto para os analfabetos

Ulysses Guimarães assumiu a Presidência da Câmara Federal no último dia 4. Seu primeiro pronunciamento não tomou um caráter programático geral mas acentuou, com firmeza, a necessidade das mudanças. "O povo mudou" — disse ele. "Se o povo mudou, fatalmente o Legislativo, o Executivo e o Judiciário não de mudar. Ou mudam, ou serão mudados."

O discurso destacou a necessidade de recuperar as prerrogativas do Congresso Nacional e de criar condições para a autenticidade da Assembleia Nacional Constituinte, rompendo com o monopólio da iniciativa das leis instituído pelos militares.

Ulysses avançou ainda na afirmação da luta para remover o entulho de autoritarismo deixado pelos

21 anos de ditadura e, com muito acerto, frisou a urgência de se estabelecer de fato no Brasil o sufrágio universal, garantindo o voto para os analfabetos, eliminando "a discriminação que mutila e elitiza as nossas Constituições."

Ainda sobre a formulação da nova Carta Magna, o presidente da Câmara Federal reforçou a exigência da participação popular para marcar o seu conteúdo democrático: "Procurada pelo homem na rua, nas fábricas, nas universidades, escrita por delegados do homem e não de privilegiados, com os direitos e garantias do homem inscritos nas páginas de rosto da Constituição, na qual o homem, e não exclusivamente seus representantes, também tenha a iniciativa e o veto das leis".



Foto: César Diniz

Debate no Sindicato; agora, é levá-lo às fábricas e aos bairros

Manifestações em todo o País pela legalidade do PC do B

Ganha corpo em todo o País a campanha pela legalidade do Partido Comunista do Brasil. Serão realizados atos públicos em praticamente todas as capitais em torno do dia 25 de março (63º aniversário do Partido). De Norte a Sul se agiganta a agitação e mobilização popular em torno dessa luta, que conta com o apoio ativo das forças democráticas e populares.

Em São Paulo, até terça-feira da semana passada, mais de 7 mil pessoas já estavam "listadas e organizadas para participar do ato do dia 23, no Pacaembu", informou José Luiz Passos, um dos organizadores. A meta é levar pelo menos 20 mil.

INTENSA AGITAÇÃO

É intensa a agitação nas fábricas, escolas e bairros. Na Zona Leste, o trabalho é levado por 15 núcleos pela legalidade; na Oeste (onde estão listados 2.000 pessoas e foram alugados 40 ônibus), existem 35 núcleos, sendo que participam deles mais de 20 operários de sete fábricas da Vila Maria e Parque Novo Mundo e uma comissão de operários da Indústria de Borracha. Na Moóca, atuam dez núcleos e na zona Leste, 7.

Até terça-feira, tinham sido distribuídos 170 mil convocatórias, pregados 52 mil cartazes e vendidos 5 mil broches, 2 mil plásticos e mil camisetas. "Centenas de novos colaboradores, não comunistas, se integraram ao trabalho de agitação e propaganda do ato", diz José Luiz Passos. Quase todos os dias são realizados mini-comícios nas portas das principais fábricas. Estão previstos arrastões de convocação com som nas feiras, varejões e casa por casa em todas as regiões da capital; no dia 16 serão inaugurados os Comitês pela Legalidade na Zona Sul e Freguesia do O; no dia 19, haverá um ato político na Zona Leste com debate sobre a Constituinte e a legalização dos partidos; no dia 22, haverá a inauguração dos Comitês da Moóca e Zona Norte.

POVO SOLIDÁRIO

No sábado, dia 2, foi realizada uma intensa atividade artística e política no Largo 13 de Maio, em Santo Amaro. Um grupo de artistas pintou um bonito mural pela legalidade do PC do B com quase cinco metros; houve a apresentação do conjunto de capoeira Águias de Ouro, de Campo Limpo, e de músicos da região. Foram distribuídos 4 mil convocatórias e cerca de 800 cartazes do ato do dia 23 às milhares de pessoas que presenciaram as atividades, desenvolvidas durante todo o dia.

"Fizemos um grande trabalho de agitação e propaganda das idéias do Partido Comunista, explicando ao povo o que é verdadeiramente este partido e qual o seu objetivo", disse o médico Gilberto Natalino, membro da Comissão pela Legalidade da região. "O povo manifestou muita simpatia e curiosidade sobre a política dos comunistas", observou.

Também ficou constadada a solidariedade popular na ajuda espontânea de pessoas do povo que paravam, olhavam e resolviam participar das atividades. Vários pintores trabalharam junto com o grupo de artistas na produção do painel, inclusive um senhor (pintor profissional há 28 anos, residente no bairro Capão Redondo), "que deu uma grande contribuição durante várias horas", conforme Natalino.

O funcionário do açougue Casa de Carnes Cristina, Dalton de Oliveira Filho, empresário lata e água para preparar a tinta e ressaltou para a **Tribuna Operária** que quer "liberdade para todos os partidos". Refletindo o clima democrático reinante no País, a Polícia Militar não reprimiu nenhuma atividade dos comunistas no Largo e o capitão Nóbrega (que ficou conhecido na região por ter comandado a dura repressão contra os desempregados em 1983)



Pintura mural e agitação pela legalidade do PC do B no Largo 13

esteve por duas vezes, a paisana, no local, observando o trabalho dos pintores.

ALAGOAS E GOIÁS

Em Alagoas, os comunistas desenvolvem uma ampla atividade de convocação para o ato público pela legalidade do PC

do B marcado para o próximo dia 23, no Teatro Deodoro, na capital. Mais de 300 pessoas se reuniram sexta-feira, dia 1, na sede da OAB em Maceió para preparar a manifestação.

Estiveram presentes dezenas de sindicalistas e líderes comunitários, o suplente de senador

Solidariedade democrática

É cada dia maior a solidariedade das forças democráticas à luta pela legalidade do PC do B e de todas as outras correntes de oposição política. A Assembléia Legislativa de São Paulo fará uma sessão solene dia 25 de março em apoio à liberdade de organização partidária e também em homenagem ao 63º aniversário do Partido Comunista do Brasil. Com o apoio de vereadores e lideranças democráticas, foi organizado sábado na Câmara Municipal de Botucatu um debate sobre a legalidade e as idéias do PC do B.

Rubens Vilar, os deputados estaduais Ronaldo Lessa e Eduardo Bonfim, os vereadores João de Deus, Edberto Ticianelli e Jared Viana, do PMDB de Maceió, Virgílio Palmeira, da Frente Liberal, vereadores e políticos do interior do Estado, o vice-prefeito de São Miguel dos Campos, Reinaldo Soares, entre outros.

Em Goiânia, o ato pela legalidade será realizado dia 1º de abril na Assembléia Legislativa que, também nesse dia, fará uma sessão solene em apoio à ampla liberdade de organização partidária e homenagem ao Partido, pelo 63º aniversário. Há uma grande agitação em todo o Estado, estão sendo organizadas caravanas do interior e várias comissões pela Legalidade foram criadas nos municípios goianos.



Na mesa: Trípoli e Ida Maria (vereadores), Amazonas, César e Antônio (PCdoB), e Paulo, da UVESP

Amazonas debate Constituinte

O auditório Pedroso Horta, da Câmara Municipal de São Paulo, ficou superlotado no dia 6, quando o veterano dirigente comunista João Amazonas proferiu palestra sobre "A Constituinte e a liberdade de Organização Partidária". Amazonas defendeu que, antes da realização da Constituinte, é fundamental "garantir as liberdades essenciais ao povo. Dentre elas, a liberdade partidária, a liberdade eleitoral, etc".

O presidente da Câmara de Vereadores, Marcos Mendonça, foi quem deu início aos trabalhos da mesa, integrada pelos vereadores Ricardo Trípoli (líder do governo), Ida Maria, Walter Feldmann, e pelo presidente da União dos Vereadores de São Paulo, Paulo Duarte, além de um representante da Comissão pela Legalidade do PC do B. Dirigentes e representantes dos sindicatos dos Metalúrgicos, Metroviários, Ferroviários, Bancários, de associações profissionais e entidades democráticas e populares estavam no plenário, além do vice-prefeito de Americana, Fernando Pupo.

PROTAGONISTA PRINCIPAL

Amazonas assinalou que "o povo brasileiro vem de sair de um grande embate de caráter nacional em defesa da liberdade e contra um regime tirânico

que oprime o nosso povo há mais de duas décadas. Um movimento realmente digno de nossa gente. Essa fase de grande batalha pela democracia no nosso país se encerra praticamente no próximo dia 15. Devemos afirmar que o protagonista principal dessa vitória foi o povo".

Agora "abre-se uma nova fase na nossa luta, marcada pelo combate para pôr termo a essa legislação e essa prática iníqua da época da ditadura, mas que tem como centro a convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana. É uma grande jornada que devemos enfrentar. Abre-se no país um grande debate. Pensa-se imediatamente no debate amplo, na liberdade de opinião, na circulação de idéias as mais variadas, para que assim exista a participação do povo na elaboração de novos destinos para a nossa pátria".

Segundo o palestrista, "toda a Constituição é sempre um pacto político, estabelecido entre as diferentes forças organizadas da sociedade num certo momento da vida do país. Esse pacto político tem como veículo natural os partidos políticos, que expressam a organização das diferentes correntes de pensamento político no país. Sem liberdade de organização partidária não haverá democracia no nosso país".

LIBERDADE ELEITORAL

Amazonas, que foi deputado constituinte na Assembléia de 1946 pelo Partido Comunista do Brasil, ressaltou que esta, apesar de ter sido o mais avançada do país, não chegou a ser livre. "O governo Dutra, lembrou o palestrista, foi violento. Foram assassinados 32 comunistas, enquanto a constituinte desenvolvia seus trabalhos. Sob pressão desse tipo, falar em Constituinte livre seria um absurdo".

O veterano dirigente comunista defendeu que, para garantir a soberania e a liberdade da Assembléia Nacional Constituinte, é fundamental não só a liberdade partidária, mas também a liberdade eleitoral. "A liberdade eleitoral inclui o voto proporcional, direto e secreto. Implica no direito de se fazer coligações partidárias — que os diferentes partidos possam unir forças para que possam vencer outras forças mais reacionárias. A liberdade eleitoral incluiu o direito do voto do analfabeto. O analfabeto, que trabalha como os letrados (e em geral o analfabeto trabalha, e eu não posso dizer que todos os letrados trabalham...), que tem sua família, que paga imposto, tem o direito de escolher os dirigentes do país, de participar da ordenação democrática do país. O analfabeto é nada mais nada menos do que quase 30 milhões de brasileiros!"



Estrada de Ferro Carajás: como no tempo das concessões coloniais

Figueiredo inaugura ferrovia da entrega

Figueiredo inaugurou, no último dia de fevereiro, a Estrada de Ferro Carajás, cercado por enorme esquema de segurança que tinha até agentes da Aeronáutica com trajes antiguerilha e metralhadoras. Os operários ouviram o discurso sem aplaudir. Foram testemunhas de um momento histórico para um dos projetos mais entreados do Brasil.

A Ferro-Carajás faz parte do Projeto Grande-Carajás, um plano gigantesco de exploração da Amazônia mineral, que inclui a mineração de ferro em Carajás, a estrutura portuária em São Luiz, a Usina Hidrelétrica de Tucuruí, a mineração da bauxita em Trombetas, a fabricação de Alumínio e Alumina em São Luiz, alguns macro projetos agropecuários.

Toda essa orgia de esburacar a terra e depois ver o que acontece favorece aos trustes mineradores internacionais Alcoa, Shell, Nippon Steel e aos grandes bancos estrangeiros que faturam alto com os juros dos empréstimos, que só nessa região ultrapassam 5 bilhões de dólares.

LEVANDO FERRO

A função da Ferro-Carajás é carregar para o Porto de São Luiz 35 milhões de toneladas de minério de Ferro por ano, o que equivale a quase 10% da produção mundial de minério de ferro. A região mineradora é a maior jazida de todo o planeta, com um teor de ferro de 66%. Em menos de dois anos a receita com exportações poderá atingir 1 bilhão de dólares.

Duas perguntas sobre Carajás precisam ser respondidas: quem está pagando toda essa estrutura? e quem vai lucrar com o projeto?

Como sempre quem paga os grandes projetos é o povo brasileiro. No caso de Carajás isso se dá de três formas pelo menos: dívida, desvio dos impostos e uso direto do dinheiro dos trabalhadores.

A dívida externa, só na ferrovia, ultrapassa 1 bilhão de dólares. Representa a base para a política do FMI de arrocho e desemprego. É também um dos principais métodos de arrancar recursos do país.

A redução dos impostos, através de uma lei criada em 1980, traz superlucros para os monopólios nacionais e

estrangeiros que investem na região. A hidrelétrica de Tucuruí, por exemplo, tem isenção de Imposto de Renda por dez anos. O governo Figueiredo retirou os subsídios para os artigos populares, principalmente o trigo. Ao mesmo tempo abre os cofres públicos para trustes mineradoras e multinacionais.

FUNDO DE GARANTIA

Um método direto de desviar dinheiro dos trabalhadores foi a utilização de recursos do BNH e do Bndes para a construção da ferrovia, dinheiro que vem do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e do PIS. Ao invés de serem aplicados como Fundos de Desemprego ou em obras sociais, vão alimentar a panca dos grandes exportadores.

QUEM LUCRA

Entre os grandes beneficiários da mamata de Carajás dois setores se destacam: os bancos estrangeiros e os grandes trustes compradores de minérios e metais. Os bancos lucram através dos altos juros dos empréstimos em dólar e também através do superávit na balança de comércio exterior que cria fluxos de recursos para pagar a dívida. Ou seja numa manobra só aumentam a dívida e impõe instrumentos para o seu pagamento.

Os grandes trustes compradores de minérios bolaram um método sujo para auferirem os lucros da exploração sem os riscos do inventimento. Compram grandes quantidades de minério por um prazo bem longo com cotas fixas e preços abaixo do custo. Na prática os brasileiros estão subsidiando os compradores que sem gastar um tostão com energia elétrica, construções de ferrovias e portos auferem lucros fabulosos. Essa forma de transferência de recursos pelo comércio exterior lembra os métodos utilizados pelas antigas concessões coloniais.

O criminoso Cabo Bruno faz ameaças a advogado

O ex-soldado da PM Florivaldo de Oliveira, assassinado conhecido como Cabo Bruno, voltou a atacar. Na semana passada ele esteve na casa do advogado Luis Eduardo Greenhalgh, que foi designado pelo Centro Santo Dias de Direitos Humanos para representar as famílias de seis vítimas do criminoso. O advogado também recebeu várias ameaças por telefone, o que se relaciona com o seu julgamento no próximo dia 12.

Cabo Bruno integrava um "Esquadrão da Morte" na Zona Sul de São Paulo. Durante vários meses cometeu bárbaros assassinatos. Confrontado com o juiz, afirmou ele mesmo confessou

numa entrevista a TV, "já passei das 50 mortes". Numa delas, Cabo Bruno utilizou requintes de perversidade para fuzilar o jovem Ademir José dos Santos, de 20 anos, só porque o rapaz namorava a filha de um comerciante amigo seu. Posteriormente, assassinou também outras sete pessoas que testemunharam o seqüestro de Ademir.

Em todas estas ações criminosas, Cabo Bruno contou com a convivência dos seus chefes de farda. Inclusive "escapou" misteriosamente do presídio Romão Gomes, em meados do ano passado, continua a solta, e agora vai ser julgado na Auditoria Militar, embora não pertença mais a PM.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Um Partido de massas

“Se não queremos ser um Partido de massas apenas no nome, devemos inserir massas cada vez mais amplas na participação em todos os assuntos do Partido, elevando-as constantemente da indiferença política à contestação e à luta, do espírito geral de contestação à identificação consciente com as idéias comunistas, da identificação com estas idéias ao apoio do movimento, do apoio à participação organizada.”

VÍNCULOS COM O POVO

Esta orientação de Lênin adquire particular importância na situação atual, em que o Partido Comunista do Brasil caminha para conquistar a sua legalidade. Depois de um longo período de feroz repressão, a organização de vanguarda marxista-leninista terá oportunidade de se dirigir abertamente aos brasileiros para discutir suas propostas e dar continuidade, num nível superior, à luta pela emancipação nacional, pela democracia e pelo socialismo.

Os comunistas terão pela frente uma imensa tarefa. Por um lado, manter a sua política revolucionária e a habilidade para conquistar os objetivos. Por outro, terão de restabelecer laços em profundidade e extensão com a classe operária e todos os trabalhadores, assim como ampliar seus contatos e alianças com as correntes democráticas e patrióticas.

O PC do Brasil jamais se isolou das massas trabalhadoras mas, com os 21 anos de regime militar, teve cortados inúmeros meios de contato com o povo. Centenas de seus militantes reconhecidos pelos operários e camponeses foram mortos, presos ou perseguidos. E para impedir o afluxo dos revolucionários ao Partido, uma imensa campanha de difamação e deturpação das concepções marxistas-leninistas foi desencadeada no País.

AÇÃO DE MASSAS

Os comunistas entendem que a verdadeira política revolucionária inclui necessariamente milhões e milhões. A vanguarda sozinha não tem condições de promover as transformações sociais. A vitória da revolução está indissolúvelmente ligada à mobilização das grandes massas, tendo a classe operária e seu Partido à frente. Por isto mesmo, todos os obstáculos para a atividade junto ao povo precisam ser removidos. Os verdadeiros revolucionários não poupam esforços para encontrar os métodos de ação adequados para a atuação conjunta com todas as pessoas interessadas em mudar a situação do País. As poderosas ações capazes de abalar o poderio das classes dominantes só podem ser realizadas se houver unidade dos trabalhadores independente da corrente política a que cada um neste momento possa estar ligado.

Por outro lado, nestes movimentos amplos, que envolvem multidões, milhares e milhares de operários e de combatentes das demais classes oprimidas entram em contato e conhecem o Partido Comunista.

PARTIDO DE MASSAS

Daqui para diante, com a legalidade, grandes contingentes de homens e mulheres do povo marcharão em busca de sua organização revolucionária. O Partido abrirá suas portas para os novos militantes e, por outro lado, terá a responsabilidade de transmitir-lhes a teoria e a experiência do proletariado. Desta forma criam-se as condições para que a classe operária exerça praticamente o seu posto de direção no processo político brasileiro. E para que o PC do B seja de fato o partido de massas indicado por Lênin. (Rogério Lustosa)

DE OLHO NO LANCE

Retratos dos "reis"

O brigadeiro Moreira Lima — tido como futuro ministro da Aeronáutica — foi fotografado trocando os retratos do general Figueiredo e do ministro Délio Jardim de Matos pelas fotos de Santos Dumont e Salgado Filho, este último famoso por ser o único civil que ocupou a pasta da Aeronáutica. E este fato imediatamente transformou-se numa celeuma no Palácio do Planalto. O presidente Figueiredo chegou a divulgar uma nota oficial dizendo que só não punia Moreira Lima por interferência direta do presidente eleito Tancredo Neves.

No tempo do Império talvez se tolerasse tanta importância para um simples retrato. Afinal Sua Alteza tinha poderes especiais, sangue azul, e outras qualidades que o distinguiam dos mortais comuns.

Hoje, o povo quer ver é a punição dos corruptos, dos larâpios do Inamps, dos que embolsaram 10% nos contratos de empréstimos externos, dos torturadores que assassinaram no pau-de-arara centenas de democratas e patriotas. Estes o general Figueiredo protege, mantém como ministros, recebe em solenidades especiais, chama de amigo, etc. Para lançar poeira nos olhos dos outros e intimidar os que criticam as falcatruas cometidas sob a tutela dos generais, ataca os “trocadores” de retrato.

No próximo ano, o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) realizará o seu 27º Congresso — que ocorre 30 anos após o 20º Congresso (1956), no qual o grupo de Nikita Krushev implantou a retomada do sistema capitalista na URSS, rompendo com 40 anos de desenvolvimento socialista. Para preparar este encontro, o atual secretário-geral do PCUS, Konstantin Tchernenco, já divulgou algumas teses.

Em 1961, no 22º Congresso, com o intuito de camuflar a restauração do capitalismo na URSS, os revisionistas aprovaram um novo programa do PCUS no qual se afirmava que “a presente geração soviética viverá no comunismo” e que “em 1980 na URSS se terá construído, no fundamental, a sociedade comunista”. Tal teorização foi sendo desmascarada pelos fatos, levando os traidores do socialismo a um crescente descrédito.

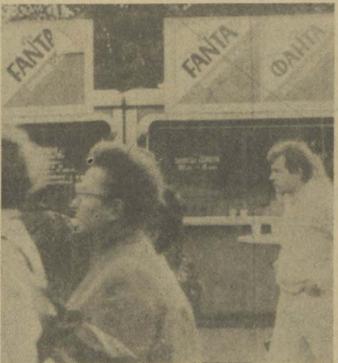
Na tentativa de contornar este problema, Tchernenco prefere hoje falar em “etapa do socialismo desenvolvido” que, segundo ele, “marca o início de uma enorme e complexa virada para o aperfeiçoamento do socialismo construído em nosso país” e explica: “Antes de resolver os problemas diretamente relacionados com a edificação do comunismo, devemos atravessar a etapa historicamente prolongada do socialismo desenvolvido”.

O dirigente revisionista também deixa explícito em seus pronunciamentos que o novo programa — ao qual se refere como uma revisão do documento aprovado em 1961 — será muito mais cauteloso e menos específico: “É preciso evitar antecipações e idealizações. Não são as características quantitativas mas qualitativas que devem constituir o essencial da nova redação do programa do partido”, conclui ele.

Falsificações das idéias de Lênin

Os dirigentes do Krêmlin esforçam-se por apresentar sua teoria sobre o “socialismo desenvolvido” como se fosse uma grande contribuição ao marxismo-leninismo, ao mesmo tempo em que tentam mostrar que esta inovação corresponde às idéias de Lênin sobre as fases do comunismo. Lênin falava do socialismo como sendo a fase inferior do comunismo, uma fase historicamente necessária, na qual o tipo de Estado não poderia ser outro senão a ditadura do proletariado. Acentuava que o desenvolvimento do socialismo levaria a sociedade ao comunismo, no qual não existiriam mais as classes sociais e onde se aplicaria o princípio de “cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades”.

As principais características do chamado “socialismo desenvolvido” soviético negam os princípios fundamentais da verdadeira sociedade socialista, quais sejam a ditadura do proletariado, o papel hege-



As multinacionais ganham espaço; Reagan e Gromyko trocam amabilidades

A restauração capitalista na União Soviética



Multiplicam-se os mercados privados, fortalecendo a economia privada ou de grupo

mônico da classe operária, a direção do partido comunista e a aliança da classe operária com o campesinato. A substituição de tais princípios pela teoria do “Estado de todo o povo”, da “homogeneidade social”, do “partido de todo povo” etc., faz com que a sociedade soviética atual seja de fato uma das formas capitalistas mais perigosas e enganadoras, buscando confundir a mente dos revolucionários e dos povos que aspiram ao socialismo.

Para se julgar se uma sociedade é ou não socialista, qual tipo de relação de produção a caracteriza, não se pode partir simplesmente dos aspectos formais e jurídicos: deve-se verificar nas mãos de quem efetivamente está o Estado, a favor do interesse de que classe se dirige a renda criada pelo trabalho das massas produtoras.

A diferença entre os salários aumenta

Qual é em realidade o “socialismo desenvolvido” dos revisionistas soviéticos? Um sistema social que há 30 anos vem tomando medidas contra o caráter centralizado da economia, alargando os poderes e direitos dos diretores e das empresas locais, no qual há um fortalecimento crescente das relações mercantis de produção, no qual a diferença salarial entre os diversos setores sociais, ao invés de diminuir, vai se ampliando, chegando atualmente à proporção de 1 para 15 entre o operário e o administrador da empresa, de 1 para 25 entre aquele e um ministro e de 1 para 30 entre aquele e um general, isto sem levar em conta outras “vantagens” exclusivas dos altos cargos e postos.

Que “socialismo desenvolvido” é este que deu aos diretores de empresa o direito de demitir trabalhadores, que inventa um sistema (Shchekimo) no qual, para facilitar as demissões, parte do salário dos operários demitidos é repassada para os que ficam? No socialismo de fato o trabalho é um direito inalienável, conforme consagrado na Constituição soviética de 1936, o que é impossível em uma sociedade capitalista.

Que “socialismo desenvolvido” é este que não consegue planificar de forma realista sequer sua produção agrícola? No ano de 1984, o plano soviético previa uma safra de cereais de 240 milhões de toneladas; não foram atingidas sequer 180 milhões, determinando não só racio-

namento de alimentos, como ampliando os laços com o imperialismo norte-americano, o grande exportador de cereais para a URSS.

São inúmeras as evidências de degenerescência capitalista na URSS. Hoje o social-imperialismo soviético possui profundos laços econômicos e financeiros com o imperialismo ocidental. É de fato um integrante-chave do sistema capitalista mundial.

Vínculos com o capital internacional

Em 1976, já eram 17 multinacionais norte-americanas, 18 japonesas, 13 alemãs-ocidentais, 20 francesas, 7 italianas, e outras, que se tinham instalado na URSS ou ali possuíam escritórios. Somente no ano de 1984, as importações de cereais realizadas pela URSS dos EUA foram de 43 milhões de toneladas, correspondentes a 8 bilhões de dólares. São crescentes e vultosos os empréstimos realizados pela URSS nos bancos ocidentais — de maio a setembro do ano passado chegaram a mais de 660 milhões de dólares. Também em 1984, pela primeira vez desde 1917, a União Soviética tentou obter divisas estrangeiras no mercado de euro-obrigações. Embora até o presente os empréstimos limitam-se ao mercado monetário da Europa Ocidental, os soviéticos estão muito interessados no mercado monetário norte-americano, em razão precisamente das grandes quantidades de dólares de que necessitam para adquirir os cereais ianques. (Não foi por acaso que uma das principais pessoas que Gromyko encontrou durante a abertura da Assembléia Geral da ONU, em 1984, foi o banqueiro-magnata norte-americano David Rockefeller.)

Verifica-se ainda que a hoje capitalista União Soviética implementa sua política expansionista. Do ponto de vista econômico, esta política se dá, entre outros meios, através das chamadas “concessões de créditos e ajudas” destinadas a diversos países, exigindo que os recursos sejam utilizados na compra de produtos soviéticos, os quais são vendidos aos países “beneficiados” a preços bem superiores aos do mercado internacional.

Grande parte dos lucros conseguidos nas transações internacionais sequer volta à URSS. É aplicada em bancos soviéticos que atuam como qualquer outro nos mercados financeiros ocidentais. Há inclusive agências soviéticas subsidiárias da agência estatal de seguros da URSS que ajudam até a segurar empresas americanas contra o perigo de expropriação em mais de setenta países dependentes.

Na URSS, com a restauração do capitalismo, a propriedade estatal socialista não foi pulverizada como propriedade privada na forma clássica, mas degenerou em propriedade estatal capitalista. O capitalismo monopolista de Estado estende-se por todos os poros da sociedade.

Houve uma enorme concentração do capital nas mãos do Estado que por seu lado é dominado pelas cúpulas revisionistas, ocupantes de altos postos no Partido e no Estado.

No campo amplia-se a propriedade de grupo

Fato semelhante ocorreu no campo, com as cooperativas agrícolas. Juridicamente, manteve-se a forma de propriedade como sendo coletiva. Seu conteúdo, contudo, é capitalista. Trata-se de propriedade de grupo nas mãos da nova burguesia agrária soviética. O objetivo da produção agrícola é o lucro, o enriquecimento desta camada burguesa. Neste quadro, também o quintal cooperativista (pequena quantidade de terra explorada individualmente pelos camponeses e que, pela orientação socialista, deveria ter um caráter complementar) ganha vulto e pouco a pouco passa a ter um peso maior na economia. Alastra-se a propriedade privada individual no campo. Atualmente, 600 mil cooperativistas e outros produtores privados vendem no mercado seus produtos agropecuários. Somente em Moscou foram abertos, com este objetivo, 28 mercados camponeses com 20 mil boxes de venda.

A característica fundamental do atual mecanismo de funcionamento da economia soviética são o seu desenvolvimento e direção não-baseados num plano único e geral estatal, mas apoiados nas leis do mercado.

O que reina na União Soviética é uma centralização formal, burocrática, aliada a uma anarquia na base da produção. Os planos econômicos, assim como suas teorias, nunca são cumpridos — sempre reformulados. De acordo com o mecanismo capitalista de funcionamento da URSS, as empresas tornaram-se, do ponto de vista econômico, inteiramente independentes. Passaram a comprar e a vender tanto os meios de produção como a força de trabalho. Os salários e o emprego dependem do mercado. De forma inevitável, ocorrem os fenômenos econômico-sociais próprios do capitalismo, tais como a anarquia na produção, o desemprego, a inflação, o aumento dos preços, as crises etc. Não há controle sobre a economia.

Nestas condições os revisionistas soviéticos ora dizem que “chegaremos ao comunismo dentro de 10 ou 15 anos”, ora afirmam ser necessário um certo período de “socialismo desenvolvido”, e agora são obrigados a dizer que “teremos um longo período de socialismo desenvolvido”. Em outras palavras, enquanto os revisionistas — representantes da nova burguesia soviética — ocuparem o poder, a URSS prosseguirá no caminho capitalista e social-imperialista.

Os imperialistas e a burguesia ocidental citam esta situação como “prova” de que o socialismo não funciona. Para eles não interessa mostrar que os problemas na URSS advêm não do socialismo mas exatamente do abandono do caminho socialista. É o que demonstra a brilhante realidade da Albânia socialista, onde se edifica o socialismo e onde não se vive o drama da crise devastadora do sistema capitalista, uma vez que sua produção aumenta constantemente e o bem-estar de seu povo melhora ano a ano. (Agnot da Silva e Maurício Alves, colaboradores do Centro de Estudos e Pesquisas Sociais, CEPS)

Secundaristas em campanha nas escolas

Na próxima semana será votado na Câmara dos Deputados projeto de lei do deputado Aldo Arantes que assegure a autonomia e a liberdade dos Grêmios Estudantis nas escolas de 1º e 2º Graus. A *Tribuna Operária* entrevistou Delcímar Pires, presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), que falou sobre a campanha pela aprovação deste projeto.



Delcímar: "Estudantes aspiram hoje por uma escola democrática"

Uma importante arma

A democratização nas escolas é uma das principais reivindicações dos estudantes secundaristas no momento. A entidade representativa deles em cada escola é o Centro Cívico Estudantil (CCE), criado por decreto-lei em 1969 que o atrela às direções dos colégios. Os CCEs vieram substituir os Grêmios Estudantis, os quais tinham atuação independente e estavam subordinados apenas às deliberações dos alunos.

Hoje os secundaristas reorganizam suas entidades e vão ampliando suas lutas. E nesta mobilização contam com a presença de inúmeros CCEs. Mesmo amordaçados pela legislação vigente os Centros Cívicos podem desempenhar um importante papel na organização dos estudantes

dentro das escolas. Um exemplo disso foi a realização do Encontro Estadual de Centros Cívicos de São Paulo, no qual compareceram cerca de 250 entidades de várias escolas.

AUTONOMIA

O deputado federal Aldo Arantes (PMDB-GO) apresentou, em 1983, um projeto de lei restituindo a autonomia e o livre exercício das entidades estudantis nas escolas. Os secundaristas estão empenhados numa grande campanha para a aprovação deste projeto, promovendo encontros, assembléias, abaixo-assinados. Assim, os CCEs, de mecanismo cerceado criado pelo regime, vão se transformando num importante instrumento de luta dos estudantes.

TO: Como está sendo encaminhada esta luta pela aprovação do projeto de lei do deputado Aldo Arantes?

Delcímar: Hoje a aspiração dos estudantes é conquistar uma escola democrática para que eles possam ter o direito à livre organização, para que possamos debater os problemas da escola. O pontapé inicial da campanha foi dado em São Paulo, em outubro último, com o Encontro Estadual de Centros Cívicos. E pela grande vitória e expressão política que teve o Encontro, nós imediatamente entramos em contato com várias entidades estudantis do País e com as Secretarias de Educação dos Estados, buscando apoio nesta luta. Também passamos a marcar campanhas de reconstrução ou construção de Grêmios Estudantis. Nos Estados onde houver possibilidade, serão realizados encontros. Estão marcados encontros estaduais em Goiás, Paraná e Alagoas. Esta campanha visa a chegar até os estudantes e a colocar a necessidade de uma organização livre e independente nas escolas.

TO: A campanha está repercutindo favoravelmente?

Delcímar: A gente, inicialmente, fez uma campanha para que o projeto fosse aprovado nas comissões técnicas na Câmara dos Deputados. Existia uma política inicial de conter, de segurar o projeto, mas aí, com a própria realização do Encontro Estadual de São Paulo, as comissões de Educação e Cultura e a Justiça passaram a acelerar a discussão do projeto. E foi aprovado com facilidade. Hoje, concretamente, nós temos a assinatura dos cinco líderes dos partidos políticos da Câmara dos Deputados aprovando o projeto. Esse projeto vai ser votado essa semana e a possibilidade de sua aprovação é quase total.

A fase imediatamente superior é no Senado. O projeto

vai para o Senado e vai exigir novamente toda uma articulação para sua aprovação. E nessa parte se torna fundamental que as entidades encaminhem esses encontros de Centros Cívicos, tendo em vista a pressão política para que ele seja aprovado no Senado. Somente depois de aprovado pelo Senado é que o projeto passa a ser considerado lei. Esta fase de mobilização pela aprovação do projeto deve ser utilizada para que o próprio movimento estudantil se estrutura. Essa é uma bandeira de luta que vai conseguir atrair essas camadas de estudantes e lideranças para debater este problema.

TO: Com a posse de Tancredo você acredita que haverá maior democracia dentro das escolas?

Delcímar: A escola é um reflexo da estrutura de poder. O reflexo deixado pelo regime militar dentro das escolas foi uma estrutura autoritária, que castra as liberdades dos estudantes. Com a campanha que culminou com a eleição de Tancredo Neves, com o ascenso de novas forças ao poder, esse quadro político vai favorecer os estudantes. Existem grandes possibilidades de o movimento estudantil crescer em cima dessa realidade do País, tendo em vista que esse superaparelho repressivo foi exterminado.

Evidentemente que os estudantes não podem esperar que tudo caia do céu. Eles têm de se mobilizar em torno desta campanha e no interior dela já irem debatendo os problemas que afligem a escola, tendo em vista, inclusive, a Constituinte que se aproxima. Um fator importante dessa nova fase política é que vai se abrir espaço para que a Ubes e as entidades municipais possam intensificar suas atividades nas escolas, com direito a fazer assembléias, com direito a reivindicar sem ter policiais perseguindo.



Os metroviários cariocas pressionaram Brizola e venceram.

Metroviários e favelados cariocas obtêm vitórias

Os metroviários cariocas conseguiram importante vitória: o governador Brizola prometeu efetivar 52 técnicos que trabalham para o metrô há mais de quatro anos. Em muitos casos, eles são os únicos especialistas de que a Companhia dispõe para várias tarefas de planejamento e montagem.

Há muito tempo o Sindicato dos Metroviários exigia a efetivação destes técnicos. Até a diretoria da Companhia do Metrô reconheceu a justiça da reivindicação, em documento enviado à Secretaria de Transportes do Estado, solicitando a efetivação. O documento foi aprovado pelas Secretarias de Transportes, Fazenda e Planejamento.

Mas faltava a assinatura de Brizola, e aproximava-se o dia em que os contratos dos técnicos acabariam, e todos estariam desempregados. Diante desta ameaça, toda a categoria se mobilizou e fez uma passeata ao Palácio do Governo, dia 26 de fevereiro. Esperaram mais de três horas, e não foram recebidos pelo governador.

No dia 28, os metroviários, junto com os moradores da fa-

vela de Rio das Pedras — que por coincidência também tinham ido ao Palácio dia 26 —, dirigiram-se às três da tarde para a residência de Brizola, e acamparam no calçadão em frente. Apesar da forte chuva que caía, os dois grupos não arredaram pé do local.

Brizola só aceitou recebê-los depois das 11 horas da noite, quando se comprometeu, diante da imprensa, a efetivar todos os 52 técnicos, acabando com um drama que já se arrastava há dois anos.

Os favelados de Rio das Pedras, por sua vez, conseguiram com que Brizola assumisse o compromisso de acompanhar pessoalmente a execução das medidas de urbanização solicitadas pela Associação de Moradores. A comunidade é extremamente pobre, e suas condições de moradia são terríveis. 150 favelados moram em tendas de lona. No período das chuvas, os riachos da região transbordam, enchendo as casas de lama e causando doenças. Somente este ano, quatro crianças morreram devido às condições sanitárias precárias do local. (da sucursal)

Mulheres comemoram seu Dia Internacional

O 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, comemorado efetivamente no Brasil desde 1975, tem estado sempre inserido no momento político que o País atravessa. O movimento feminino destacou-se, por exemplo, na luta pela anistia aos presos e perseguidos políticos no período do fascismo. As mulheres também estiveram à frente da grande campanha nacional pelas diretas que agitaram o Brasil no ano passado.

Hoje, as mulheres comemoram seu dia num clima de maior democracia, marcado pelo afastamento dos militares do poder e às vésperas da posse do primeiro presidente civil dos últimos 21 anos.

Não por acaso, em todo o País as entidades e movimentos de mulheres decidiram marcar

esta data levantando, ao lado de suas bandeiras específicas, a luta por uma Assembléia Nacional Constituinte livre e soberana. Em diversos Estados ocorrerão atos públicos em que as massas femininas exigirão do governo um novo comportamento frente ao problema da mulher, com a eleição de delegados que defendam a emancipação e os direitos femininos.

Por outro lado, está na ordem do dia a criação de um Conselho Nacional da Condição Feminina, com os mesmos objetivos. Em São Paulo, o Conselho Estadual da Condição Feminina realizará uma recepção no Palácio do Governo, no dia 7. No dia 8, os movimentos feministas realizarão ato na Praça da Sé, às 18 horas. Palestras, debates, comícios ocorrerão em todo o Brasil.

Encontro de lavradores prepara campanha salarial

Sob a direção da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Goiás (Fetaeg), foi realizado nos dias 1º, 2 e 3 de março um encontro com mais de 50 presidentes de sindicatos e lideranças da área da cana, para preparar a deflagração da campanha salarial deste ano. Após as ricas discussões travadas, decidiu-se realizar encontros municipais e regionais, e, somente após, será realizado o Encontro Estadual de Trabalhadores Agrícolas, no dia 16 de junho, em Goiânia, com a participação de parlamentares, entidades sindicais, estudantis e populares.

Durante três dias as discussões centraram-se na organização dos canavieiros, conhecidos como bóias-frias. Foi feito um levantamento do número de trabalhadores que prestam serviços nas usinas e em que municípios são recrutados. Isto permitiu uma visão de conjunto, que auxiliará a mobilização para as assembléias e encontros municipais e regionais que deverão ser realizados antes do piquete da colheita, geralmente no mês de junho.

A disposição dos sindicalistas é de repetir as grandes mobilizações e greves deflagradas no primeiro semestre de 1984.

Temendo a organização dos trabalhadores, alguns usineiros estão certos de que este ano não haverá necessidade de greves. "Querem botar mel em nossa boca" — afirma Vicente Isaías Moreira, que trabalha há 13 anos na Usina Santa Helena e é uma liderança no município.

Na opinião do presidente da Fetaeg, Amparo Sesil do Carmo, "a realização do encontro foi importante para o movimento sindical do Estado. Lançamos uma semente que vai dar muitos frutos na campanha salarial". Para Divino Goular, secretário-geral da Fetaeg, "a luta por salários é importante, mas muito restrita. À medida que o trabalhador vai adquirindo consciência de seus direitos, abraça a luta política, pois é dessa forma que vai colocar fim à exploração de um modo geral, inclusive conquistando a reforma agrária radical". (da sucursal)

UNE fará Festival da Juventude

A realização do IV Seminário Nacional sobre a Universidade e a promoção de um Festival Nacional da Juventude — este em conjunto com a UBES — são algumas das definições do 18º Conselho Nacional de Entidades Gerais (Coneg) da União Nacional dos Estudantes, realizado dias 1º, 2 e 3 de março na Universidade Federal de Alagoas.

A abertura do Coneg foi um importante ato político, com a presença de parlamentares opositores, do secretário da Educação, Douglas Aparatto, do reitor Fernando Cama, da Universidade Federal de Alagoas, e de representantes de várias entidades populares e democráticas.

Cerca de 220 delegados de 49 entidades gerais dos vários Estados participaram do encontro da UNE, que discutiu as mudanças ocorridas no cenário político nacional e os problemas da Universidade. Um dos pontos polêmicos diz respeito à convocação da Constituinte livre e soberana. Alguns delegados defendiam a "Constituinte já". Mas prevaleceu o bom senso, e os universitários deliberaram que a Constituinte em 1986 possibilita uma participação mais or-

ganizada e consciente das massas populares, além de dar tempo para que seja varrido o entulho autoritário do país.

FESTIVAL DA JUVENTUDE

O Coneg decidiu pela realização do IV Seminário Nacional sobre a Universidade, a ser realizado em julho em São Paulo. Trata-se do retorno de uma prática havida na década de 60, de seminários promovidos pela UNE.

Foi deliberada também a realização de um Festival Nacional da Juventude, em setembro, dentro das comemorações do Ano Internacional da Juventude. Tal evento deverá ser promovido conjuntamente com a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, entidades juvenis e juventudes



O Coneg teve início dia 1º de março, em Maceió

partidárias, e desenvolverá atividades artísticas e esportivas.

A UNE promoverá ainda uma campanha pela democratização da Universidade, pressionando por eleições diretas para os cargos de direção — principalmente o de reitor. Os estudantes defenderam a ex-

pansão da rede pública de ensino, em contraposição ao crescimento dos estabelecimentos particulares. O Coneg conclamou ao fortalecimento das secretarias de áreas da UNE e incentivou a realização de encontros nacionais nas áreas de Exatas, Biomédicas e Humanas.

Congresso da Andes apóia ensino gratuito

Um Seminário Nacional de Estudantes, professores e funcionários em favor da Universidade pública, gratuita, autônoma e democrática foi uma das propostas aprovadas pelo Congresso da Associação Nacional de Docentes do Ensino Superior — Andes — que vem de se realizar em Vitória do Espírito Santo. A idéia do Seminário, lançada pela UNE em outubro passado, ganha assim um poderoso impulso e deverá se concretizar proximamente.

O Congresso da Andes, com 250 delegados de 52 Associações de Docentes do País,

também julgou necessário convidar a sociedade civil organizada, inclusive o governo Tancredo, a participar do Seminário. E decidiu que a entidade dos docentes formulará uma proposta de plano de emergência para enfrentar a crise da Universidade brasileira.

PELA UNIDADE SINDICAL

Os professores concluíram que a atual conjuntura nacional "abre perspectivas para os movimentos engajados na luta por transformações profundas", sendo fruto da "grande

mobilização do povo nos últimos 20 anos e em particular na campanha das diretas". Decidiram incorporar-se à luta pela Constituinte livre e soberana e dirigir-se tanto ao Congresso Nacional como ao novo governo apresentando as condições que consideram indispensáveis à Constituinte.

Na área sindical, além de discutir as reivindicações da categoria para a campanha de 1985, o Congresso fez uma enfática advertência em favor da unidade sindical. A deliberação a respeito é de que a Andes não se filie nem à CUT, nem à Conclat, "consideran-

do que não lograram constituir-se em referenciais polarizadores do conjunto do movimento docente".

Como alternativa, os docentes universitários defendem "a unidade prática como condição para a unificação orgânica do movimento sindical". E de imediato propõem um "fórum unitário" dos sindicalistas, que discuta o problema-chave da Constituinte e apresente suas conclusões a Tancredo.

No próximo Congresso, marcado para daqui a 12 meses, em Salvador, Bahia, a Andes deverá promover a eleição de sua diretoria.



Cerca de 5 mil funcionários do Correio participaram na manifestação na Sé.

Carteiros param por aumento salarial

Com grandes piquetes nas principais agências da capital paulista, os 16 mil funcionários da Empresa Brasileira de Correios e Telegrafos entraram em greve na manhã de quinta-feira, dia 7. Os carteiros da Grande São Paulo exigem 150% de aumento salarial, reajuste trimestral, estabilidade no emprego, mudança no regulamento militar-fascista da empresa.

A paralisação foi aprovada durante uma combativa manifestação pública realizada na Praça da Sé, na noite anterior, que reuniu cerca de 5

mil trabalhadores. Logo após o ato, os carteiros saíram em passeata pelas ruas centrais da cidade e fizeram novo protesto em frente a central de triagem do Correio, onde trabalham mais de 4 mil funcionários. A greve é dirigida pela Comissão Pró-Associação dos Funcionários do Correio. Até o momento a direção da empresa tem se mantido intransigente, desrespeitando inclusive os funcionários. O diretor do Correio chegou a sugerir que os carteiros deveriam reduzir suas despesas, comendo "cascas de batatas" para não passar mais privações.



Os funcionários da Comurg fizeram piquetes em vários pontos da cidade.

Motoristas e garis de Goiânia fazem greves vitoriosas

Terminaram vitoriosas as combativas greves dos motoristas e trabalhadores da limpeza urbana da Comurg — Companhia de Urbanização de Goiânia, iniciadas no último dia 27. As duas categorias conquistaram a grande maioria de suas reivindicações. Para os motoristas foi estabelecido um piso salarial de Cr\$ 512 mil e uma gratificação de Cr\$ 45 mil.

A greve dos garis causou um colapso momentâneo na coleta de lixo em Goiânia. Eles conquistaram 34 das 38 cláusulas apresentadas pelo Sindicato. A principal é a que estabelece o princípio da equiparação salarial.

COMBATIVIDADE

A preparação das greves dos motoristas e garis foi feita através de um exaustivo trabalho de organização, tendo a frente o Sindicato dos Condutores Autônomos de Veículos Rodoviários e o Sindicato dos Empregados em Asseio e Conservação (SEACONS). O movimento veio confirmar o espírito de combatividade que anima as duas categorias contra a grande exploração a que estão submetidas.

Os motoristas foram os primeiros a deflagrar a greve, na madrugada do último dia 27. Toda a categoria — mais de 300 trabalhadores — aderiu ao movimento que durou 12 horas. A grande adesão refletiu a união e a organização da categoria. A presença nas assembléias que antecederam a paralisação foi massiva, registrando algumas vezes a participação de 50%.

Henrique Rodrigues Nascimento, uma das maiores lideranças dos motoristas na Comurg, que integrou a comissão de mobilização da greve, disse à *Tribuna Operária* que "os motoristas mostraram o caminho para conquistar suas justas reivindicações: é a união e a luta dos companheiros. O ganho maior foi o fortalecimento de nossa organização e do nosso Sindicato", frisou.

A reivindicação inicial dos motoristas era de Cr\$ 600 mil como piso

salarial. Embora tenham sido conquistados Cr\$ 512 mil registrados em carteira mais uma gratificação de Cr\$ 45 mil pelo zelo profissional, o presidente do Sindicato dos Condutores de Veículos, Benedito Adorno, considerou essa conquista "uma vitória da categoria. A proposta da empresa era de Cr\$ 472 mil e mais duas gratificações". O motorista Sebastião Batista de Melo, conhecido por *Bi*, que também fez parte da comissão de organização, afirmou que essa luta "preparou a gente para outras que vão aparecer. Tiramos muitas lições".

SOLIDARIEDADE

A greve dos garis, iniciada também no dia 27, durou dois dias e contou com a preciosa solidariedade dos motoristas da Comurg. A direção do Sindicato foi fundamental para as vitórias conquistadas. A adesão de toda a categoria quebrou a intransigência do presidente da Comurg, Pedro Celestino, que teve de negociar e atender a quase todas as reivindicações da categoria.

O recém-eleito secretário do SEACONS, Joaquim Ozório, participante ativo na direção da greve, alerta que "o momento agora é de assegurar o cumprimento das reivindicações aprovadas pela empresa. Vamos divulgar as vitórias alcançadas e conscientizar todo mundo da necessidade de consolidá-las". A Comurg se comprometeu com a equiparação dos salários dos garis; gratificação de 40% de insalubridade para os coletores de lixo e para os que trabalham no aterro sanitário; creches para os filhos de garis; e escala de revezamento. (da sucursal).

Luta salarial coloca em ação 550 mil metalúrgicos

A campanha salarial dos metalúrgicos do ABC paulista e do interior de São Paulo, com data-base em 1º de abril, começa a esquentar os motores, mobilizando um enorme contingente de operários. Ao todo são mais de 550 mil metalúrgicos em luta por aumento real de salário, estabilidade no emprego, redução da jornada de trabalho, entre outros itens.

Por mais um ano as entidades sindicais dos metalúrgicos paulistas encontram-se divididas na mesa de negociações com a Fiesp (órgão unitário dos empresários da indústria). Num bloco estão 31 sindicatos e a Federação estadual da categoria. No outro, encontram-se os seis sindicatos vinculados à central sindical petista, a CUT (ver quadro).

No entanto as reivindicações da base operária são basicamente as mesmas, havendo apenas pequenas diferenças. O bloco da Federação apresentou uma pauta com 83 itens dos quais se destacam a exigência do INPC integral, mais aumento real de 25,9% no salários; estabilidade de um ano no emprego; redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, sem redução salarial; e reajuste trimestral. Já os sindicatos ligados à CUT apresentam uma novidade na pauta entregue à Fiesp: a exigência do reajuste mensal de salários.

MAIOR MOBILIZAÇÃO

Segundo vários sindicalistas entrevistados, a campanha salarial deste ano tem mobilizado mais a categoria no Estado, comparando-se às campanhas dos três anos anteriores. Isto está ocorrendo tanto em São Bernardo, município de grande concentração operária e conhecido por sua tradição de luta, como em bom número de cidades do interior.

Para Vicente de Paula, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, "a nossa campanha salarial está com um ótimo pique de mobilização". A entidade tem promovido diariamente assembléias nas portas de centenas de empresas e reuniões com grupos de ativistas. Mesmo a assembléia de aprovação da pauta de reivindicações, que costuma ser esvaziada, contou com mais de 3 mil operários, lotando a sede sindical.

Nas grandes indústrias montadoras de automóveis, as comissões de fábrica, reconhecidas e com estabilidade para seus integrantes, têm mantido os operários em pé de guerra, realizando reuniões por alas e seções. As comissões, que já existem em 16 fábricas, têm se mostrado fundamentais impulsionadoras da luta salarial. Mesmo nas pequenas empresas a mobilização tem aumentado, contrastando com as campanhas passadas. Nestes últimos dez meses ocorreram paralisações e operações-tartaruga em quase todas as indústrias da região, o que impulsionou a organização. Segundo Vicente,



Passeata dos metalúrgicos de São Bernardo: uma cena que pode se repetir neste ano.

"tivemos em média uma greve por dia".

Para ele, "existem todas as condições para realizarmos uma poderosa greve. Só depende dos patrões. Se eles se mantiverem intransigentes, a categoria saberá responder com todas as formas de luta. Temos condições até de reprisar a paralisação de 1980, que durou 41 dias".

No interior do Estado, segundo membros da Federação dos Metalúrgicos, a participação dos operários também cresceu. Eles acreditam que, diferente das campanhas anteriores, hoje é possível parar toda São Paulo. Num ritmo mais dinâmico, vários sindicatos têm realizado reuniões com ativistas, aglutinando até 100 metalúrgicos nas comissões de mobilização. Em Araras, Lins, Cruzeiro e cidades do Vale do Paraíba a campanha já envolve as principais empresas. No pequeno município de Matão, a primeira assembléia da campanha chegou a reunir 3 mil operários.

DESCULPA ESFARRAPADA

Ainda não houve nenhuma reunião de negociação com a Fiesp. Mas o que se percebe nas inúmeras entrevistas dos empresários é que a Fiesp deverá adotar uma linha dura nas conversações. O industrial Jocy de Souza, vice-presidente da Anfavea (Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores), afirmou, taxativamente, que "a reivindicação de 40 horas semanais é impossível de ser atendida". Outros patrões alegaram que o setor ainda sofre os efeitos da crise econômica.

Fica difícil, no entanto, falar em dificuldades da indústria num momento em que ela apresenta certo crescimento, apesar de baseado unicamente nas exportações. A própria Volks divulgou anúncio nos jornais onde afirma que aumentou em 150% suas exportações, o que representa um lucro de 500 milhões de dólares. A multinacional

OPINIÃO

Divisão fortalece posições da Fiesp

Quando a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo propôs à Fiesp que as negociações salariais fossem feitas em separado com cada entidade patronal que a compõe, os empresários rechaçaram imediatamente a idéia. Demonstraram com isso o seu espírito de classe burguês: "patrão unido explora os operários com maior facilidade", pensaram.

Já os sindicalistas, principalmente os ligados a central sindical petista, não tem demonstrado nem um pouco de espírito de classe. Insistem em negociar com os patrões divididos, em dois blocos, o que só enfraquece o poder de pressão do conjunto dos metalúrgicos. Alegando que a Federação dos Metalúrgicos "é de pelegos", os petistas acabam esquecendo as 31 categorias operárias representadas no órgão estadual. Mesmo o argumento de que "ligados a Federação ficaríamos de mãos atadas" é falso, já que cada categoria é soberana para decidir as formas de luta a adotar. No fundo o que existe é mais uma tentativa de partidizar o movimento sindical, de consolidar na marra a corrente sindical cutista.

alemã reconhece que o setor "saiu do vermelho", sendo que ela própria lucrava Cr\$ 50 bilhões no ano passado.

"Na hora das negociações os patrões sempre aparecem com desculpas esfarrapadas", comenta Vicente. "Dizem que estão em crise com o único intento de jogar todo o peso desta nas costas dos trabalhadores."

Motoristas do ABC fazem greve exigindo cumprimento de acordo

A greve dos 8 mil motoristas e cobradores de ônibus urbanos do ABC paulista permanecia num impasse oito dias após o seu início. Os patrões se recusavam a conceder os 30% de antecipação nos salários, conforme acordo firmado em novembro último. Na tentativa de dobrar os grevistas, policiais e capangas dos empresários efetuaram várias prisões arbitrárias.

A greve iniciou-se dia 26 de fevereiro em São Bernardo e Diadema e depois se alastrou para Santo André, São Caetano, Mauá e Ribeirão Pires, deixando de transportar 1,2 milhão de passageiros por dia. Apesar da paralisação total dos 2.800 ônibus das 28 empresas municipais, os empresários se negavam a atender o principal item das reivindicações dos trabalhadores: 30% de aumento real nos salários.

Durante a greve de novembro, os patrões haviam se comprometido a

dar um aumento de 30% a partir de 1º de fevereiro. Mas voltaram atrás e se negam a cumprir o acordo, dizendo que só atendem as reivindicações se as prefeituras concederem novo aumento nos preços das tarifas. Os próprios motoristas e cobradores são contrários a este repasse, pois já houve dois aumentos nas passagens desde novembro.

VIOLÊNCIA E PRISÕES

Os empresários e a polícia passaram a usar a violência contra os grevistas



Grevistas em São Bernardo: "Os patrões seguram o nosso salário. Tá na hora de gritar"

na tentativa de fazê-los retornar ao trabalho. No dia 5, a subseção do Sindicato de São Caetano do Sul foi invadida pela polícia e 32 motoristas e cobradores detidos arbitrariamente. Em outros locais, a PM prendia e soltava os grevistas depois de algumas horas, pois não haveria espaço para colocá-los nas delegacias.

Segundo informações da diretoria do Sindicato dos Condutores do ABC, as empresas estavam mandando capangas buscar os motoristas e cobradores em suas casas para trabalhar. Em alguns casos houve até seqüestros. Lafaiete Nascimento Santos, diretor sindical responsável pela subseção de Mauá, conta que os "capangas me pegaram na estação de Mauá às 4:30 horas da manhã, me colocaram no carro e só me soltaram em Sacomã".

O salário de um motorista no ABC é de Cr\$ 796 mil e de cobrador Cr\$ 350 mil. Um cobrador indignado denunciou: "Eles seguram o nosso salário mas não seguram a maquininha de remarcar preços do supermercado". Um outro comenta: "A situação tá russa. O nosso salário não dá pra viver. Eu tenho seis filhos e pago Cr\$ 100 mil de aluguel. Como é que vou sobreviver? Vou comer capim?"

Os horários de trabalho também são difíceis, chegando a 12, 13 horas por dia. A falta de segurança é bastante por causa dos assaltos. Assim, muitos motoristas pararam seu piquete. Um cobrador da Viação Diadema conclui: "Tá na hora de gritar".



Têxteis da Banylsa conquistam vitórias

No dia 12 de fevereiro, os 400 operários da Banylsa Tecelagem do Brasil S.A., cansados de exploração, cruzaram os braços afirmando que só voltariam a trabalhar com dinheiro no bolso. E isso foi conquistado. Os operários reivindicaram também pagamento do adicional de turno; pagamento pontual das férias; antecipação salarial de 30%; melhoria de alimentação, não-desconto das horas paradas e nenhuma punição aos grevistas.

Há cerca de 4 meses esta empresa vem mantendo a prática de atrasar o pagamento dos salários. Ao ser abordado pelos operários sobre o atraso de janeiro, o gerente de produção, Malvern Gay Mcfarlin, sugeriu que os mesmos "fizessem uma plantaçãozinha no fundo de seus quintais",

como forma de resolver o problema, o que gerou grande revolta entre os operários. Como afirmou Braz Gonçalves, diretor do Sinditêxtil, "isso é uma provocação, pois nem terra temos já que elas estão concentradas nas mãos de latifundiários e dos grandes grupos estrangeiros que um dia haveremos de expulsar de nossa pátria".

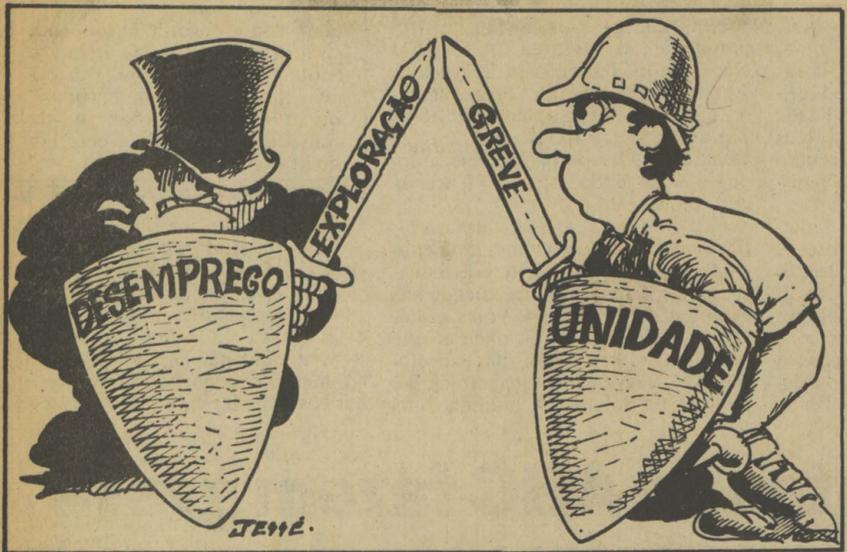
Desesperados, os patrões empreenderam várias tentativas de dividir e intimidar os trabalhadores: chamaram a polícia, infiltraram pessoas no movimento, ameaçaram demitir todos os grevistas e, o que é pior, instruíram os motoristas de ônibus da turma da tarde a passarem por cima de todos que estivessem na porta da fábrica! Para garantir essa violência a empresa colocou um chefe em cada ônibus, a

exemplo do chefe do Almo-xarifado, Valdir Dias dos Santos (aliás, presidente da CIPA), que comandou a tentativa de homicídio. Os trabalhadores agora querem expurgá-lo do quadro de associados do Sindicato.

Esse ato colocou em jogo a vida de centenas de trabalhadores.

Após 15 horas de paralisação, a empresa resolveu firmar um acordo com o Sindicato assegurando o pagamento pontual dos salários, das férias e dos direitos oriundos destas, melhoria da alimentação, além do compromisso de não punir nenhum grevista.

Esta foi a primeira greve do ano aqui na Bahia. E representou uma expressiva vitória dos trabalhadores. (Maria Elizete de Souza, secretária-geral do Sinditêxtil — Bahia)



Na Cibrasa operário é sugado até última gota

Quero relatar o que ocorre na fábrica de cimento Cibrasa, Cimentos do Brasil S/A, do grupo João Santos, situada em Capanema.

Em primeiro lugar, os operários, quando admitidos, assinam um termo afirmando que não podem participar de greve nem da fundação de sindicatos, sob pena de serem demitidos. Ora, não existe entidade alguma na fábrica em que os operários possam se apoiar para reivindicar melhorias. Só existe exploração mesmo.

Dá pena ver os operários serem sugados até a última gota de suor, pois a empresa não se preocupa em dar nem as menores condições de trabalho. Devido a isso, muitos adoecem e quando vão reclamar a Cibrasa cria uma série de dificuldades, inclusive afirmando que já foram admitidos com a doença. E levam o pé no traseiro, ou seja, são demitidos.

A fábrica mantinha bolsa de estudos para os filhos dos operários, transportes e

refeições para os trabalhadores. Agora tudo isso foi cortado, dificultando a vida de todos, pois a empresa situa-se longe do centro da cidade. Enquanto isso, seus diretores usufruem de mordomias, como carrões, palacetes etc., tudo isso às custas dos operários. Quero que vocês publiquem isso como incentivo para os operários lutarem por melhores condições no seu ganhão. (U.M.P. — Capanema, Pará)

Pedreiros querem sindicato ativo

Recebemos denúncias de um operário da construção civil acerca de uma série de demissões arbitrárias que vêm ocorrendo na empresa Cerâmica Gyotoku Ltda, desde o último dia 12 de fevereiro.

A firma vem orientando o Serviço de Segurança para fazer pressão sobre os operários que trabalham à noite, reprimindo-os e tentando pegar algum que esteja

cochilando para entregá-lo à direção, que, então, irá demiti-lo.

Na saída do serviço, os empregados que durante a revista feita pelos guardas foram surpreendidos com objetos que eles não podem comprovar a propriedade, são demitidos sem nenhum direito e, ainda, são denunciados à polícia.

A omissão do Sindicato dos Trabalhadores da Cons-

trução Civil vem revoltando a categoria, que está cobrando desde já uma posição de luta frente a esses abusos da Gyotoku contra os operários. A direção do Sindicato tem afirmado que "as empresas demitem quem elas querem sem nada o Sindicato poder fazer", mas os trabalhadores querem apoio e solidariedade na luta contra as demissões. (amigo da TO em Suzano, São Paulo)

Pixadores em prol da legalidade do PC do B detidos

Num ato de flagrante covardia, o PM Antônio Cavalcanti Pereira, à paisana e sem se identificar, investiu no início da madrugada do domingo, dia 3 de março, contra três integrantes da Comissão Organizadora do ato em prol da legalidade do PC do Brasil que se preparavam para pichar um muro na Av. São Miguel, altura do nº 9.000.

Extremamente nervoso, o PM obrigou sob mira de revólver os pichadores a jogarem no chão os materiais de pintura que carregavam e, a seguir, a abandonarem o local, sem qualquer razão.

Os pichadores presenciaram, das imediações, o PM amassar as latas de tinta com os pés, apoderar-se dos rolos de pintura e recolhê-los no interior de uma Brasília placa OH-5884 de São Paulo, estacionada nas proximidades.

Ao perceber que estava sendo identificado, o PM sacou de seu revólver e perseguiu por mais de cem metros e em desabalada carreira um dos membros da Comissão, que teve de refugiar-se num bar, onde solicitou proteção policial.

A ocorrência foi atendida pela ROTA 9128 e os envolvidos foram levados ao 22º DP, onde foi lavrado boletim. Lá o PM identificou-se como lotado na 3ª Companhia, situada à Avenida Angélica, 1.476 e residente à rua Coronel Manoel Feliciano de Souza, 31, São Miguel Paulista.

A atitude do PM depõe contra a atuação que o povo deseja da PM do Estado, bem como contra a imagem que o governador Franco Montoro procura dar à corporação: atuação sem violência e trato do povo com urbanidade. (do correspondente da TO no local — São Paulo, SP)



Em Itabaiana os policiais fazem a sua própria lei

A população da cidade de Itabaiana, na Paraíba, anda assustada com as arbitrariedades provocadas pela polícia. E com toda razão: se um policial não vai com a cara de uma pessoa, isso é suficiente para começar a espancar e perseguir o infeliz. Por isso as pessoas têm medo até de olhar para os policiais.

Coisas muito graves andam acontecendo por aqui: os populares "Nego Biu" e "Maromba" já foram espancados sem motivo. O caso mais sério aconteceu com Zuca, um operário do DER espancado pelos policiais até a morte.

Os PMs andam bêbados e puxando briga. Acontece de um policial à paisana, nas fes-

tas ou mesmo nas ruas, provocar e puxar briga e os outros, fardados, caírem em cima do ofendido, espancando e defendendo seu comparsa. Com isso tudo, o povo fica com medo. "Ninguém, sabe, ninguém viu." Reclamações já foram feitas, mas nada adiantou. O tenente-coronel Serpa, que é delegado, faz vistas grossas. E mesmo as denúncias remetidas por João Pessoa — comandante da PM — caíram no vazio.

Isto não pode continuar em Itabaiana, principalmente hoje, quando o povo elegeu um prefeito do PMDB, para substituir o do PDS "eleito" em 1982. (leitor da TO — Itabaiana, Paraíba)

Moradores de Palmeirais passam fome e abandono

São passados quase dois anos que Palmeirais vive um período de péssima administração. O grupo político que hoje comanda os destinos de nossa terra entendeu interromper o desenvolvimento do município. A atual administração recebeu o município com uma agência do Banco do Estado do Piauí, um posto avançado do Banco do Brasil, telefone, televisão, a maioria das ruas calçadas e, até o momento, o que tem feito o novo prefeito é mentir na capital do Estado, anunciando obras que não foram feitas. Relacionaremos as obras realizadas na atual administração:

- 1 - mandou pintar o Mercado Público, o centro comercial e, em seguida, mandou apagar o nome de quem construiu (o ex-prefeito) e colocar o seu;
- 2 - mandou fechar a escola do povoado Riacho dos Negros, deixando dezenas de crianças sem acesso à sala de aula; demitiu 36 professores;
- 3 - fechou o mercado público

feirantes que tinham o sustento de suas famílias nas vendas que faziam;

- 4 - interceptou o projeto de conclusão da rodovia Palmeirais-Amarante. Motivo: suborno da empresa Barroso, de quem o prefeito recebeu um milhão de cruzeiros e um carro zero quilômetro para não falar em estrada;

- 5 - permitiu desvio de alimentos doados pelo INAN para abastecer armazéns de correligionários;

- 6 - fechou um chafariz no povoado de Cafundó, deixando assim a maioria dos moradores transportar água no ombro numa distância que chega até um quilômetro, porque estava localizado em uma antiga escola e sendo utilizado por adversários políticos;

- 7 - patrocinou o tumulto das eleições sindicais, inclusive queimando urnas, pois no seu entender o povo organizado é uma ameaça ao governo. (população sofrida de Palmeirais, Piauí)



fala o POVO

Os operários da Banylsa, na Bahia, conquistaram uma importante vitória. A maioria de suas reivindicações foi atendida após uma greve em que os patrões chegaram inclusive a jogar ônibus contra os grevistas.

Só não morreu gente por sorte e por acaso. Mas o evento mostrou de que os patrões são capazes para defender seus lucros. Por outro lado deixou claro que o operariado está disposto a enfrentar inclusive a truculência dos exploradores e continuar lutando em defesa de seus direitos mais elementares. (Olívia Rangel)

Funcionários da Copam correm risco de vida

Os trabalhadores da Copam (fábrica de postes em Cuiabá, no Mato Grosso) acusam o chefe de escritório da empresa, senhor Edilton, de em 1980 ter consumido com 150 caçambas de brita areia em grande quantidade e construído sua casa roubando salários dos funcionários. Muito malandro, ele pega os cheques de pagamento da empresa e não paga, fazendo o seguinte: no sábado, paga um pouco e o restante joga para 15 dias depois. Nós trabalhamos 10 horas por dia e recebemos um míngua salário-mínimo que não dá nem para comer.

Afora isto, a maioria dos colegas trabalha sem carteira assinada sem falar no transporte que é feito numa caçamba, causando enorme perigo para todos nós. (A.S.P. ex-funcionário da Copam — Cuiabá, Mato Grosso)

UMES do Pará realizará um ato por Constituinte

Em memória do estudante Édson Luís, a UMES de Belém vai realizar um *show-comício* pela Constituinte livre e soberana. Essa foi uma das propostas aprovadas na reunião da entidade realizada, no dia 23 de fevereiro último no Ginásio de Esportes do Instituto de Educação do Pará.

Essa discussão sobre a Constituinte teve problemas pois uma minoria em nossa entidade defende a Constituinte Já. Por esse motivo lançamos a proposta de Constituinte livre e soberana, afim de garantir a unidade da diretoria. A proposta, lançada por Raimundo Migual, diretor de Cultura e Esporte da UBES, foi aprovada por unanimidade.

Ficou clara a preocupação dos diretores da UMES, sobretudo dos Viracionistas, de manter a unidade. Ronaldo Lima, diretor da UMES, declarou que votou na proposta de Raimundo "para garantir a unidade da nossa diretoria, pois os companheiros que hoje defendem a Constituinte Já não respeitaram o II Congresso da UMES de setembro do ano passado que aprovou o apoio ao candidato único das opções e continuaram defendendo as Diretas-Já".

Foi aprovado também que a UMES vai realizar um Festival da Juventude aqui em nosso Estado com o apoio das Secretarias de Estado de Educação, Cultura e Turismo, além da prefeitura de Belém. A cantora Fafá vai ser convidada através da escola Acadêmico de Samba da Pedreira, que está puxando o Bloco da Constituinte. (Augusto Vulcão, diretor de Imprensa da UMES — Belém, Pará)

Chuva agrava situação do povo de Batalha, Piauí

Batalha passa momentos de aflição pois a chuva veio e derrubou várias casas, deixando muitas famílias à míngua. No entanto o que reina na cidade é uma corrida política com o dinheiro público. A ajuda do senhor prefeito do PDS Machado Melo não passa de um quilo de carne de bode, que a família "tem obrigação de comer por uma semana"... Esta carne só é liberada se o responsável pela família for mendigar um "vale" para o vereador José Gomes, também do PDS.

Não obstante esta situação, o delegado de polícia da cidade, tenente João Bosco, expulsou Benedito Mano de um colégio estadual onde se abrigava com seus 10 filhos. Agora ele está num depósito de cal no bairro de São Miguel.

O que esperamos do governo Tancredo Neves é que juntamente com a eleição dos Constituintes sejam realizadas também eleições a nível municipal, pois só assim o povo pode enterrar por inteiro o militarismo e as oligarquias malignas que desgovernam os municípios brasileiros. (J.R.M. — Batalha, Piauí)

Meio século de música de Pedro Caetano

Cinquenta anos vivendo e fazendo música popular brasileira é proeza de poucos compositores. Pedro Caetano realizou esse feito e, não contente com isso, ainda resolveu registrar sua história no livro "Meio Século de Música Popular Brasileira — o que fiz, o que vi". Nele vão relatados seus sucessos e os muitos fatos que presenciou na MPB.

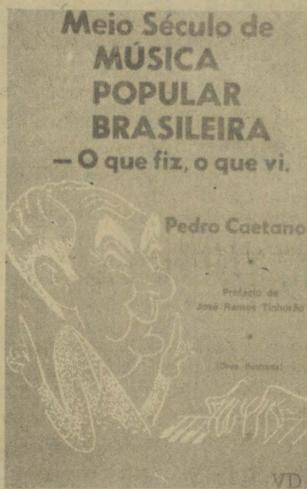
Samba, marcha, choro, baião... É variado e rico o conjunto de composições de Pedro Caetano. Chico Alves, Cyro Monteiro, Dalva de Oliveira, Dircinha Batista, Paulinho da Viola, Elis Regina, Célia são alguns dos muitos intérpretes de suas canções.

Pedro Caetano orgulha-se de ter vivido "a fase áurea da música brasileira, os anos 30, 40, 50. Convivi com gente como Noel Rosa, Lamartine Babo, Pixinguinha, Ari Barroso, Assis Valente, Mário Lago, Cyro Monteiro. Tenho gravadas e editadas mais de 400 composições. Mas vivo hoje do que consegui como negociante de moda feminina. Nunca vivi de música, não dá para viver".

COMPOSITOR VERSÁTIL

É extensa a obra lírica de Pedro Caetano. Nesta área, uma de suas composições mais conhecidas é "Nova Ilusão", de 1941, regravação em 1977 por Paulinho da Viola ("É dos seus olhos a luz que ilumina e conduz minha nova ilusão..."). Essa música, de parceria com Claudionor Cruz — o parceiro mais constante de Pedro —, dá uma mostra da versatilidade de seus compositores.

Ela foi solicitada por Sylvio Caldas,



que queria uma canção para um show, ao estilo de "Da Cor do Pecado", choro de Bororó que fazia sucesso na época (regravado, anos depois, por Elis Regina). Mas o tempo que Sylvio Caldas dava aos compositores para que lhe apresentassem a canção era curto, e Pedro e Claudionor não tinham condições de trabalhar juntos no período. Fizeram então um acerto, conta o livro *Meio Século de Música*:

"Eu faria uma letra dentro da música do citado choro-canção (Da Cor do Pecado) e o Claudionor faria uma música em cima da letra do mesmo. E assim foi feito. Ele pra lá, eu pra cá". Os dois só foram conhecer a obra pronta quando Sylvio Caldas a cantou, no show!

SUCESSOS DE CARNAVAL

Mas os maiores sucessos de Pedro Caetano ficaram por conta das músicas carnavalescas. "Onde estão seus tamborins", regravada por Célia há alguns anos ("Mangueira, onde é que estão seus tamborins, oh nega?..."), "É com esse que eu vou", relançado por Elis Regina ("É com esse que eu vou sambar até cair no chão..."), "Com pandeiro ou sem pandeiro", que integra o mais recente disco de



Pedro Caetano no lançamento de seu livro em São Paulo

Beth Carvalho, entre muitas outras, são peças que caíram no domínio público. Como de domínio público é também o samba "Maria dos Anzóis" ("Maria Madalena dos Anzóis Pereira, teu beijo tem aroma de botões de laranja...").

Além de compor músicas líricas e carnavalescas, Pedro Caetano é também um cronista do tempo em que vive, muitas vezes usando a sátira. Assim nasceram obras como Crédi-Bife (veja letra nesta página), a qual ele hoje atualizaria, "pois hoje, pra comer um bife, a gente tem que pagar uma boiada inteira, e não só um boi...".

Além de compor músicas líricas e carnavalescas, Pedro Caetano é também um cronista do tempo em que vive, muitas vezes usando a sátira. Assim nasceram obras como Crédi-Bife (veja letra nesta página) — sobre a ida de Figueiredo para Cleveland etc.

POLÍCIA POLÍTICA

Uma de suas canções, "O que se leva desta vida" foi inclusive utilizada pelo Partido Comunista do Brasil, no curto período em que teve vida legal, para a campanha eleitoral de seus candidatos. "O pessoal gostava principalmente do trecho que dizia 'Ai como sofre o usuário que tem tanto que nem sabe o que fazer. Como padece o coitadinho que se mata sem ganhar nem pra comer'. Depois que cassaram o registro do PC, ouvi dizer que a polícia política estava investigando a minha vida. Mas nunca foi ligado ao Partido. Também não sou anticomunista. Sou um grande entusiasta do socialismo — acho que é o futuro do mundo —, e acho que todos os partidos devem ser legalizados."

Também a contínua desvalorização da moeda brasileira já foi tema para o compositor. No caso, quando o tostão foi substituído pelo cruzeiro. Mas sua atualidade continua, como pode-se perceber por este trecho:

"Eu sou o tostão que antigamente pagava café sentado

pagava bonde comprava pão. Mas hoje em dia minha miséria é tamanha. Eu caio e ninguém apanha. Não tenho mais cotação".

FMI, como é que eu vou sair?

FMI, como é que eu vou sair? Como é que eu vou sair?

Eu não estou fazendo conta, faça conta quem quiser. Devo, não nego, pagarei quando puder.

Compromisso eu não nego Mas pagar não pode ser Eu não pago conta velha E deixo a nova envelhecer

Cineangiocoro nariografia

Cineangiocoronariografia
O moderno exame de cardiologia
Quem é rico vai fazer lá nos Stats
Quem é pobre
Faz aqui de qualquer "jeites"
Executivos, Soçaites
Vão a Cleveland
All Right
Mas o pobre Zebedeu
Que nem eu
Como padece
Vai mesmo de INPS

Qualquer semelhança com o centauro não é mera coincidência...

Quando o general Figueiredo arvorava-se em democrata e propalava sua "abertura", Pedro Caetano ironizou numa marcha carnavalesca:

"Não brinque, rapaziada, que ele tem nome de santo, mas de santo não tem nada". Delfim Netto foi alvo de outra de suas marchinhas, quando prometia — sem nunca cumprir — acabar com a inflação: "Bochechudo tá com tudo. É peitudo toda vida. Dizendo e prometendo coisas que até Deus duvida".

As produções recentes de Pedro Caetano são, como "Etiquetando", "inspiradas no drama que a família brasileira está vivendo nas mercearias e nos supermercados, onde os funcionários ficam o dia inteiro com aquela máquina de etiquetar que eu considero uma verdadeira arma contra a economia popular" (veja letra nesta página). As gravadoras não dão mais espaço para Pedro Caetano, e essas canções ficam condenadas ao ineditismo. Mas estão no seu livro, que, em São Paulo, pode ser adquirido nas Livrarias Sicilianas, ou solicitado à Sociedade Gráfica Vida Doméstica, rua Dias da Silva, 14, CEP 40911, Rio de Janeiro. (Carlos Pompe)

Etiquetando

A vida da mercearia
É a máquina de etiquetar
Bombardando noite e dia
A vida da mercearia

E o dinheiro do coitado
Que anda tão espremidinho
Só dá para encher o "saco"
Não enche mais o carrinho

Se qualquer mercadoria
De manhã custa cinquenta
De tarde Virgem Maria!
Já está marcando noventa

Se amanhã ficam anunciando
Que amanhã tem promoção
Vai surtir tudo mais barato
Mas só na televisão

Credi-Bife

Caríssimos senhores, senhoras, senhoritas
Entre num restaurante, pedi filé com fritas
E quando veio a conta, saí como foi?
Eu com um bife e ainda pagando um boi

A vida vai ficando cada vez
A "guita" vai sumando cada vez
Qualquer dia, quem não for milionário
Para comer um bife tem que abrir um crediário.

Guerra expansionista do capital contra o esporte amador

O profissionalismo superou a si próprio ao estender seus tentáculos para as quadras de vôlei e basquete. O volume de dinheiro e o rito das negociações agitam estes esportes "novos ricos". Nos últimos meses deixaram os cartolas do futebol babando nas gravatas. Está inaugurada uma nova fase na guerra expansionista do capital contra o esporte.

Já faz alguns anos que a publicidade capitalista, tendo descoberto o poder de popularidade do esporte, vem continuamente aumentando as verbas aplicadas no vôlei e no basquete. A princípio, contratavam os atletas mais famosos para gravar comerciais de te-

vê e posar para outdoors e anúncios de revista. Em seguida, passaram a estampar suas marcas e logotipos nas camisas dos atletas. Agora, em sua fase de intromissão máxima, as empresas contratam equipes inteiras e fundam associações com o nome de suas marcas.

A relação dos clubes-empresas é tão vasta que as tabelas de torneios parecem cotação da bolsa de valores: Pirelli, Lufkim, Mineral, Bradesco-Atlântica, Banespa, Sulbrasileiro (já dançou), Lojicred, Supergasbrás, Transbrasil etc.

Com exceção do Banespa de São Paulo e da Pirelli de Santo André, que possuem tradição de torcida, partici-

pam regularmente das competições oficiais de diversas modalidades e categorias e mantêm uma estrutura de associação esportiva, as demais são apenas ajuntamentos de estrelas. Algumas delas, como a Supergasbrás do Rio e a Lojicred de Campinas, são agremiações com duas dezenas de atletas que não têm sequer uma quadra de chão batido para treinamento.

É com esta contribuição que os investidores arrotam magnanimamente, por amparar e incentivar nosso esporte amador. Não levantam uma rede num terreno baldio ou uma tabela num jardim público, mas se denominam apoiadores do esporte. Não gastam um níquel para que as crianças e os jovens se iniciem e se aperfeiçoem

na prática esportiva, mas chamam para si toda a responsabilidade pelo sucesso do esporte nacional.

TREINAR NA RUA

Tão bonzinhos e benfeitores, esses endinheirados e generosos esportistas já fecharam as portas de dois grandes clubes. O Flamengo do Rio e o Clube da Fonte de Campinas, desmobilizaram seus departamentos de vôlei porque não suportaram a concorrência do capital. Seus atletas mais famosos e brilhantes foram rapidamente contratados. Mas os infantis e juvenis ainda não decidiram se abandonam o esporte ou treinam na rua.

A grande imprensa ignora esta ofensiva odiosa e ainda se pendura na rebarba do esquema comercial, promovendo mundialitos, jogos do sécu-

lo, desafios e outras papagaiadas. Os atletas, embriagados pelas cifras e cifrões, se confundem e não percebem os golpes que o esporte sofre com a publicidade exagerada. Alguns vão longe demais: Jaqueline, a estupenda armadora da nossa seleção de vôlei, foi tão rigorosa na concorrência que abriu para seu contrato, que ficou sem clube, sem emprego, na atual temporada, depois de vacilar diante de várias propostas milionárias.

Vai ser difícil para o torcedor do Flamengo, o glorioso rubro-negro da Gávea, escolher entre Supergasbrás e Atlântica seu time de vôlei. Mas ficaremos ainda mais confusos quando as federações de vôlei e basquete fecharem e estes esportes passarem a ser dirigidos pela Fiesp e pelo Banco Central. (Jessé Madureira)

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.

Telefone: 36-7531 (DDD 011). Telex: 01132133 TLOBR.

Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.

ALAGOAS - Arapiraca: Praça Luís Pereira Lima, 237, sobrelaje, CEP 57000. Macelo: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 57000.

AMAZONAS - Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 1439 - Rua João Pessoa, 53, São Lázaro. Telefone 237-6644 - CEP 69000.

BAHIA - Camaçari: Rua José Nunes de Mattos, 12 - CEP 42800.

Bela de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro - CEP 44100.

Itabuna: Av. do Cinquentenário, 928, 1º andar, sala 1, Centro - CEP 45600. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro. Juazeiro: Rua América Alves, 6-A - CEP 44050 - Paratinga: Rua Pereira Moacir, 96 - CEP 47.500.

SALVADOR: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro - CEP 40.000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cimesp). CEP 43.700.

DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV - sala 312 - CEP 70302.

CEARÁ - Fortaleza: Rua Barão do Rio Branco, 1809 - Centro - CEP 60.000.

GOIÁS - Goiânia: Rua 27, nº 69 - Centro - CEP 74000. Anápolis: Rua 14 de Julho, 821 - Centro. CEP 77100.

MARANHÃO - São Luís: Rua da Saavedra, 99 - Centro - CEP 65000.

MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 - Fone 321-5095 - CEP 78000.

MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: R. Antônio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.

MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 - Centro - Fone: 224-7605 - CEP 30000. Juiz

Pará - Belém: Rua Manoel Barata, 993 - CEP 66000.

PARAÍBA - João Pessoa: Rua Duque de Gaxias, 540 - 2º andar, sala 201 - Calçadão - Centro - CEP 58000. Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 318 - 1º andar - CEP 58100.

PARANÁ - Curitiba: Rua Tibagi, 428 - CEP 90000. Fone: 234-7454. Londrina: Rua Sergipe, 984, sala 206, 2º andar. CEP 86100.

PIAUI - Teresina: Rua Barroso, 144 - 1º andar, sala 4 - CEP 64000.

PERNAMBUCO - Cabo: Rua Vigário Batista, 236 - CEP 54500. Garanhuns: Rua Dantas Barreto, 5, sala 1 - Centro - CEP 55300. Recife: Rua Sossogo, 221, Boa Vista.

RIO GRANDE DO NORTE - Natal: Av. Presidente Bandeira, 406, sala 109 - Alecrim - CEP 59000.

RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua dos Andradas, 1204, 3º

and., sala 3, CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dal Canale, 1891, 2º andar, fundos, CEP 95100. Pelotas: Rua Andraza Neves, 1589, sala 403 - CEP 96100. Cachoeirinhas: Av. Flores da Cunha, 1235, sala 520. Aberto depois das 18 horas e sábado das 9 às 12 horas.

RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua Alvaro Alvim, 31, sala 1801 - Cinelândia - CEP 20000. Niterói: Av. Amarel Peixoto, 370, sala 808 - Centro - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Av. Marechal Floriano, 2248, sala 4, Centro. CEP 26000.

SÃO PAULO - Americana: Av. dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470. Campinas: Rua Senador Saraiwa, 448, fone: 2-8345 - CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180 - CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Avelar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119, Caixa Postal 533 - CEP 13560. Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100. São José do Campos: Rua Vilasça 185, 1º andar, sala 19 - CEP 12200.

SERGIPE - Aracaju: Avenida Rio Branco - Edifício Ovelo Teixeira, sala 1220. CEP 49000.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Paste-Up, Fotolito e Impressão, Cia. Editora Jorjás. Fone: 815-4999 - São Paulo - SP.

Sim, eu quero receber a **Tribuna Operária**. Envio junto com este cupom um cheque nominal à **Editora Anita Garibaldi Ltda.**, pela seguinte opção de assinatura:

Anual (52 edições) Cr\$ 70.000,00
 Anual popular (52 edições) Cr\$ 35.000,00
 Semestral (26 edições) Cr\$ 32.800,00
 Semestral popular (26 edições) Cr\$ 16.400,00
 Anual para o exterior (em dólares) US\$ 70,00

NOME: _____
 ENDEREÇO: _____
 BAIRRO: _____
 CIDADE: _____ CEP: _____
 ESTADO: _____
 PROFISSÃO: _____ DATA: _____

Receba em casa a Tribuna Operária fazendo já a sua assinatura!

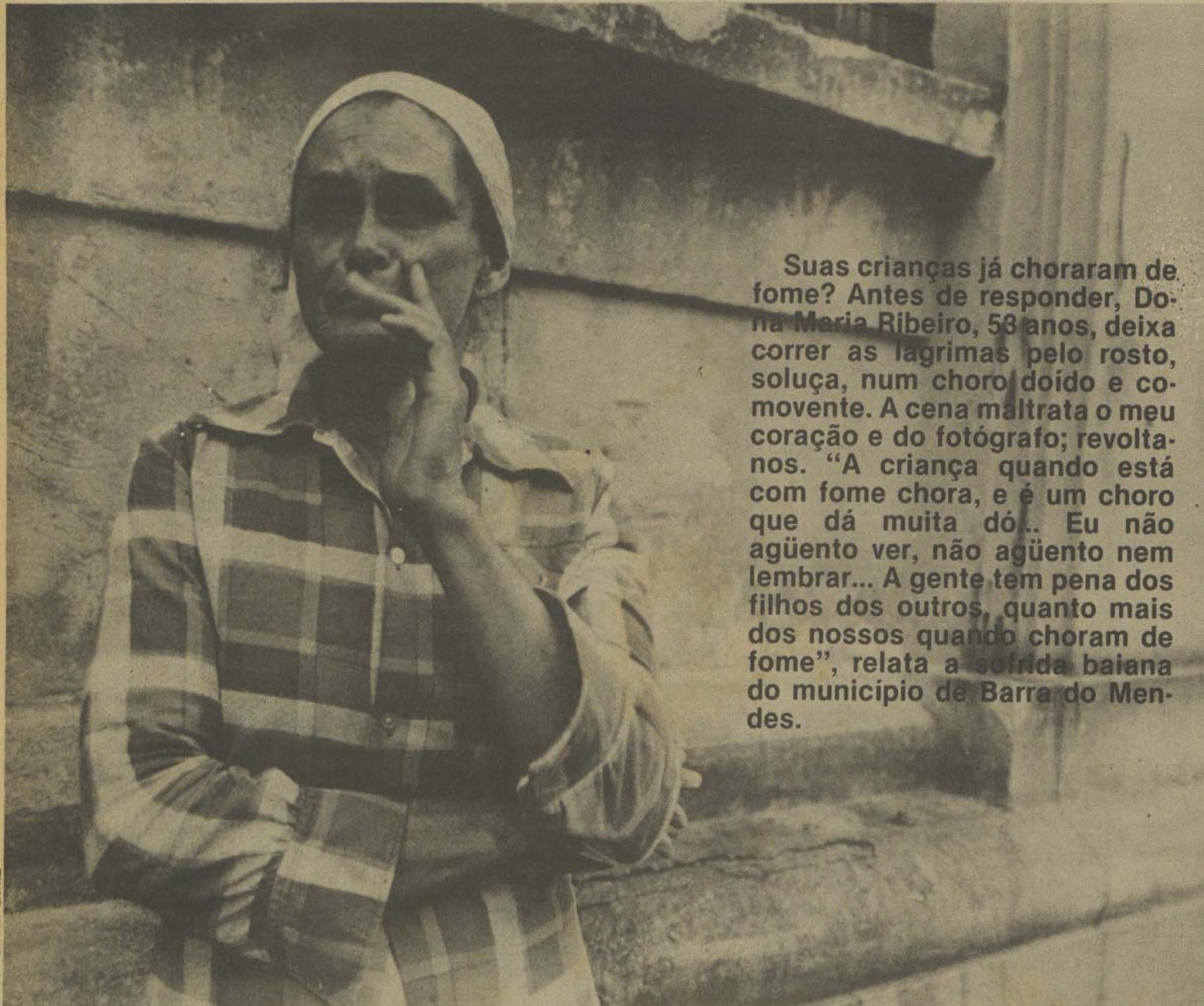
Tribuna Operária
 300 PMs caçam posseiros no Pará

CDM
 Preços reduzidos por tempo limitado. Envie hoje o seu cupom.

Enderece a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Ofensiva contra esquema

Trabalhadores que passam fome



Suas crianças já choraram de fome? Antes de responder, Dona Maria Ribeiro, 53 anos, deixa correr as lágrimas pelo rosto, soluça, num choro dóido e comovido. A cena maltrata o meu coração e do fotógrafo; revoltamos. "A criança quando está com fome chora, e é um choro que dá muita dó... Eu não agüento ver, não agüento nem lembrar... A gente tem pena dos filhos dos outros, quanto mais dos nossos quando choram de fome", relata a sofrida baiana do município de Barra do Mendes.

Como os quatro netos de Dona Maria, milhões de brasileiros estão passando fome, conforme comprovam dezenas de pesquisas (veja quadro). Quando o general Figueiredo assumiu o governo prometeu, num discurso demagógico, "encher a panela do povo". Mas o que se vê ao final do seu triste reinado é que a panela do trabalhador está mais vazia, não apenas no miserável Nordeste como também nas áreas industrializadas do País.

É comum ver em São Paulo milhares de famílias de assalariados fazerem apenas uma refeição diária; crianças írem à escola em jejum, apenas por causa da merenda escolar; donas-de-casa apanharem restos de mantimentos nas feiras e centros de abastecimento. Diferente de outras épocas, não é apenas o mendigo clássico, o maltrapilho, que apanha comida na rua; mas o trabalhador que, envergonhado, pega restos para não passar fome.

A lanchonete Mc Donald's não deixa mais lixo na rua porque o ajuntamento de famintos "cria mal-estar na freguesia", diz o gerente

Dona Maria, por exemplo, foi entrevistada quando acabava de recolher frutas e ce-

reais no Mercado Municipal de São Paulo, bem no centro da Capital. Numa sacola ela levava batatas bichadas, bananas amassadas e uma melancia. Ela cuida de quatro netos enquanto sua filha trabalha como empregada doméstica, recebendo pouco acima do salário-mínimo.

Seu marido, o senhor José, vive de "bicos", como servente de pedreiro, e ganha muito pouco. Já sofreu um derrame, "de certo pelo nervoso que passou depois que perdeu o emprego na Igreja São Judas". O dinheiro que recebe não dá para manter as oito pessoas da casa e a refeição diária é das mais débeis. "Eu não me lembro da última vez que comi carne. Leite é difícil comprar. Minha filha faz um esforço danado para dar leite pelo menos para a menorzinha, com um ano de idade", relata dona Maria.

Outra freqüentadora do Mercado Municipal é dona Maria da Conceição Moreira, com 57 anos. Ela resiste a dar entrevista — "Os vizinhos vão falar que eu pego lixo" —, mas acaba contando seu drama. O marido foi demitido de uma empresa de entrega de bebidas em decorrência de problemas na coluna. Nunca mais encontrou emprego. Em sua casa, no bairro de Itaim Paulista, vivem três pessoas e apenas o filho trabalha como cobrador de ônibus, ganhando pouco mais de Cr\$ 200 mil por mês.

"O dinheiro não dá para nada. O que salva a gente são os alimentos que eu pego aqui toda a semana e os pães que o padre dá na Igreja". A alimentação da família é muito pobre e dona Maria tem cons-

tantes fraquezas. "Já fui parar no Hospital Santa Casa, pois estava com o corpo mole, as pernas bambas. O médico disse que eu devia me alimentar melhor. Mas como?"

A crise econômica atingiu um patamar tão elevado que nem mesmo os restos de comida são encontrados com facilidade. O gerente da lanchonete Mc Donald's da rua Direita, no centro da cidade, comenta: "De uns meses para cá não dá mais para colocar o lixo na rua. Todas as noites umas 30, 40 pessoas, na maioria crianças, avançavam nas lixeiras à procura da carne do hambúrguer e do pão. Isto criava um mal-estar na freguesia, diminuía a clientela da casa. Então contratamos um caminhão que vem às 23 horas e pega todo o lixo; não deixa nada na rua, nem por um segundo".

"Trabalho desde os 11 anos de idade, mas a coisa está tão preta, que no fundo eu mesmo acho que já sou um assaltante no pensamento"

Mesmo assim é grande o número de pessoas que vagueiam pelas ruas centrais, mexendo nas latas de lixo. Domingos Feitosa, 21 anos, é um deles.

Ele já trabalhou numa fazenda no município paulista de Nossa Senhora de Aparecida

— como evidenciam suas mãos calejadas. Demitido, veio para a capital e empregou-se como servente de pedreiro na Camargo Correia.

Quando acabaram as obras da estação do Metrô do Anhangabaú, não conseguiu mais emprego fixo. Hoje vive como apanhador de papelão, o que lhe rende Cr\$ 200 mil mensais, e mora numa favela na rua Tamandaré. "A gente vive dos restos. Às vezes dá nojo, a gente se sente mal de pegar no lixo. Mas a fome aperta, a barriga ronca, e a gente come."

Severino Ramos, pai de dois filhos, trabalha com Domingos na mesma carroça. Também foi lavrador, em Lavras, no sul de Minas. O que mais o magoa nesta vida de miséria é o choro de suas crianças. "O adulto se vira com qualquer coisa. Faz uma sopa 'levanta cadáver', junta numa lata todas as sobras, e já está pronto para o trabalho. Mas a criança não. Doeu a barriguinha, a criança chora. Quando chega cinco, seis horas da manhã, a Fabiana, de dois anos, acorda chorando, quer comer."

Paulo Oliveira, pai de dois filhos, é outro apanhador de papelão. Já trabalhou em diversos empregos, o último como vigilante da empresa Protec. "Depois desanimei de procurar emprego. A gente só faz papel de bobo: preenche ficha, faz um monte de teste, mas não é chamado." De todos os entrevistados, Paulo é o mais revoltado. Ele explica o porquê:

"O Brasil está piorando cada vez mais. O povo está sendo marginalizado. Eu mesmo acho que já sou um assaltante no pensamento. Sempre fui trabalhador. Trabalho desde os 11 anos. Já fui gráfico, peão de obras, vigilante, marreteiro. Mas hoje a coisa está preta, tão preta que até eu penso em roubar, coisa que nunca passou pela minha cabeça".

Sua raiva é grande: "A culpa de toda esta miséria é dos que estão lá em cima. Eles não vêem os que estão embaixo. Eles não são brasileiros. Só pensam no bolso cheio de dinheiro, no luxo. Não vêem as crianças que lotam as ruas, que vivem cheirando cola de sapato, entorpecendo-se, para não sentir a fome... Às vezes me dá vontade de pegar uma metralhadora e atirar num monte de ricos. Minha vontade é gritar bem alto, dizer que nós não agüentamos mais esta miséria de vida."

(Altamiro Borges)

Desde 1964, nem arroz e feijão

É certo que a fome sempre existiu no Brasil, mas o que se viu a partir de 1964 foi um crescimento assustador do número de famintos. A política econômica adotada pelos militares golpistas piorou a vida dos brasileiros, tirou-lhes da mesa inclusive o trivial arroz com feijão.

Os próprios dados oficiais atestam o aumento da fome durante o reinado dos generais. Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, de 1962, mostrou que havia 27 milhões de brasileiros (38,5% da população da época) que consumiam menos do que as 2.480 calorias diárias consideradas essenciais pela FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura).

Já o Estudo Nacional de Despesa Familiar (Endef), feito pelo IBGE em 1975, constatou que 72 milhões de brasileiros (cerca de 70% da população) sofriam de desnutrição. Segundo o levantamento, apenas dois em cada 10 habitantes do Nordeste podiam ser definidos como bem alimentados. E mesmo no "desenvolvido" Centro-Sul do país, mais da metade da população (52%) não comia satisfatoriamente.

Por último, o Instituto de Planejamento Econômico e Social trouxe à tona dados ainda mais gritantes. O IPEA calculou que em 1984 a fome atingiu 86 milhões de brasileiros. E o pior: estava criando uma subraça de brasileiros, uma "raça de anões"; os filhos dos famintos eram 16% mais baixos e pesavam 20% menos que a média das crianças do país.

POLÍTICA GENOCIDA

Fica difícil entender como, num país de dimensões continentais, com excelente terra para plantar, existem tantos famintos. Mais difícil ainda quando se sabe que o Brasil é o quarto maior exportador de alimentos do mundo e, ao mesmo tempo, ocupa o sexto lugar no campeonato mundial de desnutrição (só fica atrás da Índia, Bangladesh, Paquistão, Filipinas e Indonésia). No entanto a explicação é simples: a causa desta contradição reside na política genocida dos militares no poder.

Entre outras orientações antinacionais e antipopulares, o que se viu nestes 21 anos foi um grande incentivo à agricultura para exportação e um total desprezo pela produção de alimentos para o mercado interno. De 1977 até meados de 1984 houve uma queda de 11,8% na produção de alimentos básicos, enquanto a produção para o mercado externo cresceu 11,2%. Só a produção de cana-de-açúcar, incentivada pelos gordos subsídios governamentais, cresceu 74,4% neste período.

Na época do "Plante que o

João garante", houve uma diminuição brusca das áreas plantadas com os produtos básicos para alimentação dos brasileiros, o que gerou vertiginoso aumento da carestia de vida. Só nos últimos 12 meses, segundo levantamento de preços na capital paulista, o café subiu 604,3%; o açúcar, 302,8%; o pão, 277,5%; e o arroz, 276,5%.

Por outro lado, a política de arrocho salarial dificultou ainda mais a compra de comida. Pesquisa do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas), feita em fevereiro, comprova que um trabalhador deveria gastar Cr\$ 134.101 na compra da sua ração mínima de alimentos — ou seja, 80% do salário-mínimo atual (Cr\$ 166.560). Um casal com dois filhos menores precisaria gastar Cr\$ 404.303 na compra da mesma ração, que equivale a uma cesta com 13 alimentos básicos.

ENTERRO DE "ANJINHOS"

A carência nutricional, consequência direta do empobrecimento do povo, gera inúmeras doenças e contribui para debilitar a fraca saúde do trabalhador. A pessoa desnutrida não oferece resistência física e qualquer doença simples, como a diarreia, pode se tornar fatal. Naturalmente, as crianças são as principais vítimas da desnutrição.

Por não ter o que comer a criança brasileira cresce menos, pesa menos e pensa menos. Mas o que é pior: muitas não chegam a sobreviver. Segundo dados oficiais, de cada mil crianças que nascem vivas no Brasil, 102 morrem antes de completar um ano em consequência direta ou indireta da fome. No Nordeste, a mortalidade infantil atinge índices ainda maiores: de cada mil nascidas vivas, 120 morrem. Em Morada Nova, no sertão do Ceará, o dado é aterrorizante: de cada mil nascidas vivas, 169 não comemoram o primeiro aniversário. A Organização Mundial de Saúde calcula que a cada 20 minutos morre uma criança de fome no País!

Não é de se estranhar que uma das cenas mais comuns nos rincões do Nordeste sejam os enterros dos "anjinhos". Os bebês são sepultados em caixões de papelão e em cemitérios clandestinos, já que a família não tem nem condições de pagar o atestado de óbito do filho.



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
Crianças do Nordeste: os filhos de pobres são 16% mais baixos...



Paulo (à esq.), o rebelde; Severino da "sopa levanta cadáver"; Feitosa, com nojo do lixo